

UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE - UNESC
CURSO DE ARTES VISUAIS

LEONARDO PINHEIRO

O PROFESSOR PESQUISADOR DE ARTES: DESAFIOS E CONTRIBUIÇÕES EM
CONTEXTOS DE ENSINO

CRICIÚMA - SC
2015

LEONARDO PINHEIRO

**O PROFESSOR PESQUISADOR DE ARTES: DESAFIOS E CONTRIBUIÇÕES EM
CONTEXTOS DE ENSINO**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado para obtenção do grau de Licenciado no curso de Artes Visuais da Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC.

Orientadora: Prof.^a Ma. Odete Angelina Calderan

CRICIÚMA - SC

2015

LEONARDO PINHEIRO

**O PROFESSOR PESQUISADOR DE ARTES: DESAFIOS E CONTRIBUIÇÕES EM
CONTEXTOS DE ENSINO**

Trabalho de Conclusão de Curso aprovado pela Banca Examinadora para obtenção do Grau de licenciado, no Curso de Artes Visuais da Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC, com Linha de Pesquisa em Educação e Arte.

Criciúma, 23 de novembro de 2015.

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Odete Angelina Calderan - Mestre em Artes Visuais - (UFSM) - Orientadora

Prof^a. Édina Regina Baumer - Mestre em Educação - (UNESC)

Prof^a. Katiuscia Angélica Micaela de Oliveira - Mestre em Ciências da Linguagem -
(UNISUL)

DEDICATÓRIA

Dedico primeiramente este trabalho a Deus por nos dar o dom da vida, a meus colegas e amigos por estarem comigo nesta caminhada e aos meus professores, que são pessoas que irão ficar para sempre em minha vida.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente aos professores do Curso de Artes Visuais que contribuíram para minha formação de acadêmico de Artes Visuais, nestes quatro anos de estudos na instituição.

Aos meus amigos que durante este percurso de formação estiveram comigo e me dando força nas horas difíceis, estando ao meu lado.

Agradeço também a meus colegas por de forma respeitosa fazerem parte de minha turma, sempre servindo de espelho, para eu colher de forma inteligente os frutos que me fortalecem.

Aos meus pais pelo incentivo aos estudos, me acolhendo nas minhas dúvidas sobre a vida, me dando força principalmente nos momentos mais árduos, não somente na universidade como também fora dela.

Aos meus irmãos por fazerem parte da minha vida e sempre estando ao meu lado, me orientando e ajudando para que eu pudesse seguir minha trajetória no caminho escolhido.

A minha orientadora Prof^a Odete Calderan, que sempre esteve ao meu lado, me ajudando na construção do meu Trabalho de Conclusão de Curso.

A minha banca Prof^a Édina Regina Baumer e Prof^a Kátiuscia Angélica Micaela de Oliveira que gentilmente aceitaram meu convite contribuindo para o desenvolvimento da minha pesquisa.

A todos que de uma forma ou outra contribuíram para com meu TCC, entendendo que, poderá fomentar a pesquisa de outros acadêmicos e uma educação de qualidade.

Agradeço ao coordenador do curso de Artes Visuais Marcelo Feldhaus, por sempre estar disposto a ajudar, caminhando junto para que tenhamos um ensino que valorize a pesquisa, ensino e extensão.

“Mas, de qualquer modo, é este sentimento de insatisfação, que nos faz passar tanto tempo e tanto trabalho, dedicando-nos a ressignificar o que já estava significado.”

ESTEBAN, Maria T.; ZACCUR Edwiges (2002, p. 59).

RESUMO

A presente pesquisa tem como objetivo compreender os caminhos do professor pesquisador de arte em relação à prática pedagógica, na universidade e Educação Básica, oportunizando aulas reflexivas e significativas, para isso busco os objetivos específicos que são: pesquisar quais são os possíveis caminhos para um professor de artes; fazer sua perspectiva de um estudo continuado; perceber como é vista, pelos professores de artes da Educação Básica, a formação acadêmica em pesquisa, ou a possibilidade de ingressar nestes estudos e estudar as características de um professor pesquisador em artes. O estudo partiu do problema: entender como se dá a formação de um professor pesquisador que faz graduação, mestrado e doutorado e atua em instituição de Ensino Superior (universidade) e continua a atuar na Educação Básica. Para isso, busco contextos referenciais na arte, na arte contemporânea, ampliando um olhar para a universidade como processo de formação; para a Universidade do Extremo Sul Catarinense (UNESC), para o curso de Artes Visuais - Licenciatura. Também busco situar o professor pesquisador de artes, seus caminhos e possibilidades de formação e atuação, para tanto faço uma analogia em minha metodologia que segue o estudo da criação da universidade, estudo sobre a UNESC e o curso de Artes Visuais e situo sobre os possíveis espaços de trabalho de um professor pesquisador. Para elucidar as questões da pesquisa nas análises dialogo com uma professora pesquisadora do ensino de artes que trabalha em instituição de Ensino Superior (universidade) e em escola de Educação Básica. Nas considerações apresento os desafios e as contribuições que obtive em minha pesquisa. Utilizo para o desenvolvimento de minha escrita e diálogos com os autores como: Cocchiarale (2006), Wanderley (1986), Tardif (2002), Zamboni (1998, 2005), Favaretto (2010), Honorato (2015), Esteban e Zaccur (2002), Larrosa (2002) entre outros.

Palavras-chave: Arte. Professor Pesquisador. Educação Básica. Universidade.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Localização da Universidade do Extremo Sul Catarinense.....	23
Figura 2 - Espaço interno da UNESCO.....	25
Figura 3 - Bloco Z - Ateliês do curso de Artes Visuais	28
Figura 4 - Aula inaugural com o professor pesquisador Celso Favaretto referente aos 45 anos do curso.....	30
Figura 5 - ADA, analog interactive installation / kinetic sculpture - 2010	40
Figura 6 - Tropicália de Hélio Oiticica - 1967.....	62

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABNT - Associação Brasileira de Normas Técnicas.

ANPAP - Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas.

ABEM - Associação Brasileira de Educação Musical.

ABRACE - Associação Brasileira de Artes Cênicas.

CEE - Conselho Estadual de Educação.

CNPq - Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico.

ENEM - Exame Nacional de Ensino Médio.

UNESC - Universidade do Extremo Sul Catarinense.

FUCRI - Fundação Educacional de Criciúma.

FUMDES - Fundo de Apoio à Manutenção e ao Desenvolvimento da Educação Superior.

GEDEST - Grupo de Pesquisa, Ensino e Extensão em Educação Estética.

PMC - Prefeitura Municipal de Criciúma.

PIBID - Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência.

PROPEX - Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa e Extensão.

PPGE - Programa de Pós-Graduação em Educação.

USP - Universidade de São Paulo.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2 METODOLOGIA: A ESCOLHA DO CAMINHO DA PESQUISA	12
3 ARTE - ARTE CONTEMPORÂNEA	16
4 A UNIVERSIDADE COMO PROCESSO DE FORMAÇÃO	20
4.1 A UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE (UNESC).....	21
4.2 O CURSO DE ARTES VISUAIS - LICENCIATURA	26
5 SOBRE O PROFESSOR PESQUISADOR NAS DIFERENTES AREAS	31
5.1 O PROFESSOR PESQUISADOR NA UNIVERSIDADE	31
5.2 O PROFESSOR PESQUISADOR NA ESCOLA	37
6 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS: CONVERSA DE UM ACADEMICO E PROFESSOR PESQUISADOR.	46
7 PROJETO DE CURSO	60
8 CONSIDERAÇÕES FINAIS A PESQUISA QUE NUNCA TERMINA	66
REFERÊNCIAS.....	69
APÊNDICE (S).....	72
APÊNDICE A – QUESTÕES PARA PESQUISA DESTE TCC SOBRE PROFESSOR PESQUISADOR EM ARTES.....	73
ANEXO (S).....	76
ANEXO A – AUTORIZAÇÃO – USO DE FALAS E ESCRITAS	77

1 INTRODUÇÃO

Sou natural de Joinville, mas desde os dez anos resido em Içara (SC). Na infância fui uma criança muito ativa, brincava na rua de bolinha de gude, peão, soltava pipa, subia em árvores e outras brincadeiras do cotidiano como esconde-esconde, pega-pega, arco e flecha, para ‘caçar’ na ‘selva’, enfim, corria muito e me ‘ralava’ muito, e quase nada era motivo para parar, apenas o estudo.

Ao escolher o curso de Artes Visuais - Licenciatura fui encontrando oportunidades valiosas em torno das disciplinas passando a entendê-las em abordagens em torno das linguagens da arte, suas possibilidades e conceitos, seus meios e técnicas, seus materiais, com isso, oportunizando ampliar meu olhar sensível sobre o mundo. Igualmente, passei a me envolver com a complexidade em torno da arte, desde os períodos da pré-história até nossos dias com a arte contemporânea, percebendo as mudanças, tanto estéticas, filosóficas, perceptivas que me fizeram enxergar, o quão longe a arte pode nos levar.

Em 2014 fui convidado para entrar no PIBID (Programa Institucional de Bolsas de Iniciação a Docência), que se trata de um projeto do governo federal que busca integrar acadêmicos que ainda não tiveram contato com a escola, como professor, e vivem neste espaço, mediados por professores supervisores na UNESC. Coordenado atualmente pelas professoras da área Silemar Maria de Medeiros da Silva e Aurélia Regina de Souza Honorato¹. Este importante projeto me possibilitou ter outro foco de estudo, uma possibilidade de pesquisa na área da docência, para que eu possa ter uma ampliação de repertório, além de ter meu início em espaços escolares com um olhar diferente ao que eu tinha enquanto aluno. Acompanhando as metodologias dos professores, tive a oportunidade de conhecer uma variada gama de atuação nas escolas, além de sempre como um grupo, discutirmos e refletindo sobre as propostas das aulas e os seus objetivos.

Paralelo a este programa, entre junho de 2014 e março de 2015 fiz parte do projeto de extensão chamado “*Boi de Mamão na Comunidade: Reflexões sobre Memória, História e Arte popular*”, que busca intensificar e aproximar ainda mais a

¹ Profa. Ma. Silemar Maria de Medeiros da Silva. Mestre em Educação e Cultura pela Universidade do Estado de Santa Catarina (2004) e Mestre em Educação pela Universidade do Extremo Sul Catarinense (2009). Profa. Dra. Aurélia Regina de Souza Honorato. Doutora em Ciências da Linguagem pela Universidade do Sul de Santa Catarina, na linha de pesquisa Linguagem e Cultura (2015).

universidade e comunidade. Busca igualmente ampliar reflexões sobre a cultura popular incentivando preservar a cultura açoriana que é uma cultura que faz parte de nosso estado possibilitando que mais pessoas conheçam e vivenciem de perto o folguedo do Boi de Mamão. Importante destacar que junto à comunidade foram produzidos personagens característicos com materiais diversos para se realizar encenação, cantoria e dança. Este projeto está dentro de um grupo de pesquisa que é intitulado de GEDEST², composto por professores, acadêmicos, bolsistas, egressos e convidados, que desenvolvem pesquisas e estudos em torno da arte.

Ambos os projetos ampliaram meu repertório de professor pesquisador em formação, pois, além das reflexões e discussões geradas em seu contexto também colaboraram com a escrita apresentada em evento da UNESCO como a V Semana de Ciências e Tecnologia³ em 2014. O Boi de Mamão foi apresentado pelo grupo que estuda e pesquisa Patrimônio Cultural e é compreendido como sendo identidade e patrimônio dos açorianos que vieram para o litoral de Santa Catarina.

Desse modo, em meio ao grupo de pesquisa e cursando a oitava fase do curso é chegado o momento de elaboração do Trabalho de Conclusão de Curso. A motivação além das já citadas veio em decorrência também das disciplinas e das experiências dos estágios obrigatórios do curso. Assim, trago como objetivo da pesquisa compreender os caminhos do professor pesquisador de arte em relação à prática pedagógica, na universidade e educação básica, oportunizando aulas reflexivas e significativas.

O estudo partiu do problema: entender como se dá a formação/atuação de um professor pesquisador que faz graduação, mestrado e doutorado e atua em instituição de Ensino Superior (universidade) e continua a atuar na Educação Básica. E qual é a característica desse professor pesquisador, pois entendo que é importante que este professor esteja também presente nesta rede de ensino, e não o contrário, ou seja, quanto mais o professor de artes se especializa mais ele se afasta da educação básica, tendo muitos motivos.

² Grupo de Pesquisa, Ensino e Extensão em Educação Estética.

³ O evento referente à Semana de Ciências e Tecnologia acontece todos os anos e tem por finalidade a divulgação das pesquisas de professores e acadêmicos, tanto no ensino pesquisa e extensão, como experiências de ensino entre outros. Neste ano acontece de 19 a 23 de outubro de 2015 no campus da Unesc. Disponível em: <<http://www.unesc.net/portal/capa/index/527>>. Acesso em: 02/10/2015.

2 METODOLOGIA: A ESCOLHA DO CAMINHO DA PESQUISA

Esta é uma pesquisa que se insere na linha de pesquisa Arte e Educação do curso de Artes Visuais – Licenciatura e está intitulada como “*O professor pesquisador de artes: desafios e contribuições em contextos de ensino*”. Tem como objetivo compreender os caminhos do professor pesquisador de arte em relação à prática pedagógica, na universidade e educação básica, oportunizando aulas reflexivas e significativas.

Nos objetivos específicos vinculado ao geral, se apresentam: pesquisar quais são os possíveis caminhos para um professor de artes; fazer sua perspectiva de um estudo continuado; perceber como é vista, pelos professores de artes da Educação Básica, a formação acadêmica em pesquisa, ou a possibilidade de ingressar nestes estudos; estudar as características de um professor pesquisador em artes, a fim de entender o que contribui para a educação um professor pesquisador em artes na Educação Básica.

A pesquisa partiu do seguinte problema: entender como se dá a formação de um professor pesquisador que faz graduação, mestrado e doutorado e atua em instituição de Ensino Superior (universidade) e continua a atuar na Educação Básica.

Conforme Santaella o que caracteriza uma pesquisa qualitativa é:

[...] pesquisas qualitativas. Estas últimas, segundo Chizzotti (ibid.:9), abrigam um grande número de divisões e subdivisões que, embora diversas, unem-se na oposição ao modelo experimental e no pressuposto que há uma relação dinâmica, uma interdependência entre o mundo real, o objeto da pesquisa e a subjetividade do sujeito. Enquanto o objeto deixa de ser tomado como um dado inerte e neutro, o sujeito é considerado como parte integrante do processo de conhecimento, atribuindo significados àquilo que pesquisa. (SANTAELLA, 2001, p. 143).

Sendo que a partir desta pesquisa irei estudar sobre pesquisa bibliográfica onde a autora afirma que:

A teórica coincide em alguns pontos que foi acima chamada de fundamental. A metodológica se refere à reflexão sobre os métodos que direcionam a pesquisa científica, os modos de pesquisar, a problematização das vias do conhecimento, a “construção de propedêutica da descoberta da realidade”. (SANTAELLA, 2001, p. 145-146).

A partir destas pesquisas bibliográficas, minhas questões norteadoras contemplarão: Quais são os possíveis caminhos de estudo para um professor pesquisador em Artes? Como um professor pesquisador que não trabalha na Educação Básica, vê o ensino de artes sendo trabalhado na Educação Básica? Qual a perspectiva de um trabalho de um professor de Artes sobre a condição de trabalho na Educação Básica em nosso país? O que faz um professor de Artes afastar-se da Educação Básica?

Este estudo se insere em um ensaio cartográfico, em decorrência da problematização e questões levantadas durante a abordagem da pesquisa e entrevista realizada, conforme Honorato (2015) que dialoga com pesquisa bibliográfica. Busco assim respostas a partir da pesquisa, da entrevista e também de minha experiência de vida.

A cartografia é um estudo não linear, que não há um começo, meio e fim, mas que o desenvolvimento de seu estudo, está em constante movimento sendo que há várias linhas para sua pesquisa e que elas se entrelaçam. Há característica deste cartografo e a sua definição depende da sua sensibilidade onde o seu corpo que vibra está em constante movimento.

O que define, portanto, o perfil do cartógrafo é exclusivamente um tipo de sensibilidade, que ele se propõe fazer prevalecer, na medida do possível, em seu trabalho. O que ele quer é se colocar, sempre que possível, na adjacência das mutações das cartografias, posição que lhe permite acolher o caráter finito e ilimitado do processo de produção da realidade que é o desejo. Para que isso seja possível, ele se utiliza de um “composto híbrido”, feito do seu olho, é claro, mas também, e simultaneamente, de seu corpo vibrátil, pois o que quer é aprender o movimento que surge da tensão fecundo entre fluxo e representação: fluxo de intensidades escapando do plano de organização de territórios, desorientando suas cartografias, desestabilizando suas representações e, por sua vez, representações estacando o fluxo, canalizando as intencionalidades, dando-lhes sentido (ROLNIK. 2014).

É este movimento que trato em desenvolver minha escrita, fazer pensar em mim enquanto sujeito, que tenho um olhar, que, ao decorrer de minha pesquisa este olhar vai se ampliando, se estendendo e porque não, modificando. Este ensaio cartográfico entra em evidencia quando trago minha entrevista com uma professora pesquisadora.

A intenção deste trabalho de conclusão de curso não é discriminar áreas de estudo da formação profissional de artes, mas sim perceber os desafios e as contribuições do professor pesquisador diante de suas escolhas.

Para melhor entendimento e organização textual organizei este estudo em

oito capítulos distribuídos a seguir:

Na Introdução apresento brevemente minha trajetória de vida até chegar propriamente na questão que me levou a pesquisa do TCC.

No segundo capítulo apresento a metodologia traçando quais são os objetivos gerais e específicos, o problema da pesquisa, as questões norteadoras, baseando-me em Santaella (2001).

No terceiro capítulo contemplo de um modo geral questões sobre a arte até a arte contemporânea, trago para dialogo e conceito sobre a arte autores como Coli (1987), Coelho (2006), Canton (2009), Morais (1975), Cocchiarale (2006).

No capítulo quatro divido e escrita em duas seções sendo que na introdução faço uma epistemologia sobre a universidade Wanderley (1986). Na primeira seção do quarto capítulo falo da universidade UNESC e na segunda seção falo do curso de Artes Visuais de um modo geral e específico em licenciatura buscando referencias como documentos da UNESC (2014) e o PPC de Artes Visuais (2014) e o autor Tardif (2002).

No quinto capítulo também divido o texto em duas seções e trato de temas sobre espaços de um professor pesquisador como a universidade, tratada na primeira seção deste capítulo e a escola, tratada na segunda seção deste capítulo. Dialogam com minha escrita autores como Zamboni (1998, 2005), Tardif (2002), Esteban & Zaccur (2002), Cocchiarale (2006), Wanderley (1986), Iavelberg (2003), Larrosa (2002), Tourinho (2012), Favaretto (2010), Honorato (2015) e Duncum (2011).

No sexto capítulo faço minha análise de dados faço uma entrevista semi estruturada com Profa. Dra. Aurélia Regina de Souza Honorato, onde questiono e converso com a professora a partir dos autores que estudei sobre o ensino de artes e o professor pesquisador. Contemplo esta entrevista em meu TCC por fazer parte de uma conversa com uma professora que é pesquisadora e atua em uma universidade e em uma escola de Educação Básica.

No sétimo capítulo, desenvolvo um projeto de curso. Este projeto é desenvolvido em dois encontros e trabalha em uma oficina. Na oficina discuto sobre a pesquisa e sobre a obra de arte 'Tropicália' de Hélio Oiticica. A intenção desta oficina trata de professores das escolas de Educação Básica, desenvolverem uma produção a partir das pesquisas que foram feitas na oficina, além de refletirem sobre seus processos metodológicos como professores de artes.

Nas considerações finais, apresento todas as análises que fiz durante minha pesquisa neste TCC, discutindo com os autores, buscando responder os desafios e contribuições que um professor pesquisador terá em sua trajetória como professor que atua na prática-teoria-prática.

3 ARTE - ARTE CONTEMPORÂNEA

A arte acompanha o homem e sua história em manifestações que refletem o contexto social do momento em que ele está inserido. E, partindo da premissa de que arte é cultura, o estudo de sua produção artística é uma potencial referência aos acontecimentos sociais, políticos e econômicos de cada época.

Segundo Coli (1987, p. 13), “a arte instala-se em nosso mundo por meio do aparato cultural que envolve os objetos: o discurso, o local, as atitudes de admiração etc.”. Leite (2005, p. 22) dialogando com o pensamento de Coli, complementa suas reflexões sobre arte como, “um sistema de manifestações e códigos que se interpenetram e se recodificam a cada momento; uma forma particular de ver e expressar o mundo, que atua como uma reação emocional e conceitual a vida”.

A arte é uma forma de expressão e manifestação humana, carregada de conceitos e emoções. Através da arte o homem expressa sua vivência, constrói novos repertórios, novos signos que se interpretam e se revelam cotidianamente.

Na arte conhecemos o pensamento que determina cada época, a sociedade em que está inserido juntamente a tudo o que o envolve. A arte pode ser um agente para o indivíduo expressar o que sente, com artefatos manuais, produzindo manualmente ou algum aparato tecnológico, ou até mesmo no campo das ideias. A arte estimula os sentidos de todos que estão a sua volta.

Entende-se que na pré-história o homem pintava nas paredes das cavernas, como registro de acontecimentos de seu cotidiano; no renascimento os pintores, pintavam por encomenda principalmente da igreja, ou para famílias para ficar gravado pelas gerações que por ali passassem.

Todos sabem que a Mona Lisa, que a Nona Sinfonia de Beethoven, que a Divina Comédia, que Guernica de Picasso ou o Davi de Michelangelo são, indiscutivelmente, obras de arte. Assim, mesmo sem possuímos uma definição clara e lógica do conceito, somos capazes de identificar algumas produções da cultura em que vivemos como sendo ‘arte’. (COLI, 1995, p. 8).

Desse modo, a arte teve e tem o seu significado modificado no decorrer dos tempos, cada tempo com a sua significação. Na mesma medida é possível verificar que a mesma busca instigar e ampliar as possibilidades de se organizar o mundo.

Toda arte é feita a partir da arte. Tem sido assim a mais tempo do que se pode determinar. Em outras palavras, toda arte é feita por que alguma arte anterior foi vista, por que alguma arte anterior serviu de estímulo – estímulo para sua reprodução, estímulo para sua negação. (COELHO, 2006, p. 211).

Neste decorrer dos tempos, a arte moderna passou por um desgaste, e ganhou um novo significado, como consequência o espectador passou a fazer parte da obra, deixando de apenas observar para sentir e ser a obra artística. Diante disto Canton (2009, p. 49) destaca:

A arte contemporânea que surge na continuidade da era moderna se materializa a partir de uma negociação constante entre arte e vida, vida e arte. Neste campo de forças, artistas contemporâneos buscam um sentido, mas o que finca seus valores e potencializa a arte contemporânea são as inter-relações entre as diferentes áreas do conhecimento humano.

No entanto, existe uma parcela muito importante de compreensão sobre a arte é a sua história. Com a arte contemporânea não poderia ser diferente, a alusão à arte produzida depois da segunda guerra mundial, é uma verdadeira fusão de linguagens, materiais e tecnologias.

O conceito de arte mudou e Marcel Duchamp é considerado o grande precursor porque ele vai compreender que o conceito de arte estava mudando e havia esta necessidade de propor novos significados. O artista expõe uma fonte, um mictório produzido para ter uma funcionalidade, como objeto artístico. Duchamp foi revolucionário para a época:

O Davi de Michelangelo é arte, e não se discute. Entretanto, eu abro um livro consagrado a um artista célebre do nosso século, Marcel Duchamp, e vejo entre suas obras, conservado em museu, um aparelho sanitário de louça, absolutamente idêntico aos que existem em todos os mictórios masculinos do mundo inteiro. Ora, esse objeto não corresponde exatamente à ideia que eu faço da arte. (COLI, 1995, p. 8).

Podemos encontrar muitas linguagens artísticas como a pintura, escultura gravura, desenho, serigrafia e outras manifestações como na música, teatro entre outros. Nem todas as linguagens foram desenvolvidas para fins artísticos, como exemplo a serigrafia, que a princípio tinha o fim de desenvolver escritas em jornais.

Mas com o desenvolvimento tecnológico atribuíram-se novos métodos para a realização dos jornais. Percebendo esse recurso da serigrafia e tantos outros, os artistas passam a absorver e se apropriar trazendo para o campo da arte. Pode

ser a partir de objetos prontos da indústria ou até mesmo utilizando seu próprio corpo, promovendo assim, uma expansão no que diz respeito à concepção de arte.

Com isso, o processo artístico vem sofrendo mudanças, chamadas de rupturas, essas rupturas trouxeram para a história da arte contemporânea avanços na criação, no pensar, na produção, na contemplação e na freqüentação. Isso não quer dizer que quanto mais recente, mais inovador é um trabalho. Isso reflete diretamente na opção pela escolha das linguagens, aos meios, materiais, não somente materiais tradicionalmente conhecidos, específicos de cada linguagem. Cada matéria nova que sensibiliza o artista vai exigir um novo método de trabalho para ele construir seu trabalho, possibilitando uma pesquisa contínua.

De acordo com Moraes (1975, p. 63):

Não existe nenhuma hierarquia de materiais, isto é, materiais mais ou menos nobres, mais ou menos válidos. Todo material é válido, pode ser trabalhado e ou/ receber uma carga estética [...]. O emprego de novos materiais (sem tradição artística) libera a criatividade, acelerando a compreensão da arte, aumentando a produtividade.

A arte contemporânea é norteada principalmente, por questões que afetam a todos diretamente, seja na rua, nos conceitos, nas relações pessoais, na mídia e na própria arte. Traz à tona um momento de integração das linguagens artísticas, combinando instalações, performances, imagens, textos e tecnologias. Os artistas contemporâneos, como em toda a história, mostram através da arte o pensamento determinante de cada época e da sociedade que os envolvem a arte. “Precisa conter o espírito do tempo, refletir visão, pensamento, sentimento de pessoas, tempos e espaços.” (CANTON, 2009, p. 13).

A arte contemporânea pode tratar do cotidiano, da banalidade, ela possui a liberdade de expressão. Para Cocchiarale (2006, p. 15), “a arte contemporânea não é um campo especializado como foi à arte moderna. Centrada na busca de uma arte autônoma em relação ao universo temático [...]” O autor ainda afirma que:

[...] esparramou-se para além do campo especializado construído pelo modernismo e passou a buscar uma interface com quase todas as outras artes e, mais, com a própria vida, tornando-se uma coisa espraiada e contaminada por temas que não são da própria arte. Se a arte contemporânea dá medo é por ser abrangente demais e muito próxima da vida. (COCCHIARALE, 2006, p. 16).

A reflexão para o entendimento de arte contemporânea pode ser voltada ao que ela busca transmitir e provocar, conforme o mesmo autor (2006, p. 67) diz que, “a arte contemporânea pode estar em vários lugares simultaneamente desempenhando funções diferentes. Mas o principal de tudo isso são os novos tipos de relação que nos faz estabelecer.”

4 A UNIVERSIDADE COMO PROCESSO DE FORMAÇÃO

Buscando compreender a origem da universidade investigo o conceito de academia que teve seu início no século IV na Europa e no Oriente. Destaco como os primeiros espaços que podemos considerar universidade as igrejas, lugar onde se tinha maior indício de pesquisas sobre assuntos diversificados principalmente relacionados a vida, religião, natureza entre outros. “Herdeiras das instituições do mundo greco-romano, as universidades foram assumindo uma forma específica no contexto religioso do Oriente Islâmico e Ocidente cristão.” (WANDERLEY, 1986, p. 15).

Conforme ainda o autor Wanderley (1986, p. 16):

Os indivíduos que estudavam nestes espaços conhecido como ‘*studia generalia*’ tinham privilégios e benefícios, não eram pessoas do povo, aliás, era época do feudalismo onde o poder era descentralizado e o trabalho era servil. Os primeiros cursos desta época eram de teologia e filosofia e o nome universidade veio desse período. A palavra ‘*universitas*’ foi originalmente aplicada às sociedades corporativas escolásticas e, provavelmente no decorrer do século XIV, o termo passou a ser usado à parte, no sentido exclusivo de uma comunidade de professores e alunos, e cuja existência corporativa havia sido reconhecida e sancionada pela autoridade eclesiástica ou civil. Outras fontes indicam a influência da cultura árabe e a instituição de El Azhar, no Cairo (ano de 970), na fundação da escola de medicina de Salerno, na Itália, no século XI. Naquelas escolas o centro era o ensino de direito, mas, posteriormente ao Concílio de Latrão, o núcleo passou a ser teologia.

A universidade nesse período ocupava uma posição privilegiada e respeitada junto à comunidade:

[...] seu caráter conservador, suas polêmicas teológicas e de outro teor, como a disputa entre realistas e nominalistas, o espírito universalista do professorado italiano, os cursos longos de teologia, o regime do internato, as aulas orais, a defesa de tese ao final dos estudos. Sua tônica estava voltada para o saber como um fim em si mesmo, o saber desinteressado. Criadas para formar uma elite aristocrática, depois complementada por uma elite de mérito [...]. (WANDERLEY, 1986, p. 16 -18).

Ao longo do tempo a universidade foi mudando de acordo com as necessidades da sociedade principalmente com a revolução industrial, “surgiram exigências de especialização e técnicas que se ajustassem à nova divisão social do trabalho.” (WANDERLEY, 1986, p. 18).

Em 1810 na Alemanha foi consolidado o significado de universidade, que

buscava conciliar o ensino e a pesquisa, dando origem a universidade de Berlim.

Em pleno século XVI e XVII também se destaca as universidades na Espanha, cuja elite espanhola tinha para a sua formação um variado sistema universitário, cuja contribuição maior, foi dada nos campos das artes e da literatura e menos na ciência e na filosofia. Com a inquisição, o dogmatismo doutrinário prevaleceu e surgiu o obscurantismo contra a ciência moderna, o que teve repercussões em nosso continente, principalmente pelo domínio do clero nas universidades. (WANDERLEY, 1986, p. 20).

Na América Latina as primeiras universidades se instalaram a partir do século XVI, vindas de países europeus como Espanha e Portugal. E no Brasil “[...] o sistema implantado foi fragmentado em escolas de ensino superior, e a criação da primeira universidade se deu em 1920 no Rio de Janeiro, sem ser concretizada.” (WANDERLEY, 1986, p. 19). Ainda na América Latina no século XIX graças às guerras de independência, o rumo das universidades mudou e assim, impactaram na forma que foram postas as universidades diante da comunidade que elas existiam. As universidades perderam suas autonomias e tiveram a proteção do estado e eram postas para formar a elite que era necessária.

Outro modelo que veio para o Brasil foi da França, onde trouxe “faculdades para cada profissão onde capacitam os alunos para a vida profissional. Essas universidades funcionavam para a educação das elites dos países dessa região.” (WANDERLEY, 1986, p. 20).

No século XX foi implantado o sistema norte-americano na América Latina e o seu sistema tinha ênfase nos campos das exatas. “No Brasil foi uma das causas que originou a reforma universitária em seu aspecto geral desde a década de 60.” (WANDERLEY, 1986, p. 20).

4.1 A UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE (UNESC)

A Universidade do Extremo Sul Catarinense localiza-se em Criciúma- SC⁴ (Figura 1). É uma universidade Comunitária frequentada por acadêmicos que cursam Administração, Artes Visuais, Ciência da Computação, Direito, Fisioterapia, Pedagogia⁵, entre outros.

⁴ Endereço: Av. Universitária, 1105 – Bairro Universitário, Criciúma - SC, 88806-000.

⁵ **Artes Visuais:** O Curso de Artes Visuais – Bacharelado está com nova matriz curricular com ênfase na formação do artista, curadoria e crítica de arte. Licenciatura - O Curso de Licenciatura em Artes

A instituição fará 50 anos no ano de 2018, sendo que no ano de 2007 a universidade criou um novo modelo administrativo e educacional. Também nestes cinquenta anos da instituição, o nome da mesma foi alterado antigamente conhecida por FUCRI – Fundação Educacional de Criciúma e hoje intitulada UNESC, desde 1997.

A UNESC (antiga FUCRI) tinha principalmente o papel do desenvolvimento de cursos para o magistério e cursos que visavam os desenvolvimentos empresariais daquela época.

No ano de 1991 a FUCRI possuía quatro escolas, elas eram a FACIECRI, ESEDE, ESTEC e a ESCCA. Com o processo de desenvolvimento da universidade a FUCRI unificou o seu regimento intitulando como UNIFACRI, sendo que CEE de Santa Catarina aprovou o desenvolvimento da instituição como universidade em uma sessão plenária ocorrida em 1997.

Desde então, a UNESC investiu em programas de PPGE, para que tenha o título de universidade cada vez mais com prioridade. Além de claro, os cursos de ensino superior façam também o papel da extensão, com editais que a instituição lança, para que os professores tenham o fomento necessário para o desenvolvimento de seu projeto, seu projeto em sua área de conhecimento, seu curso.

Visuais habilita o egresso para o ensaio através da produção, da pesquisa e do desenvolvimento de projetos educativos e culturais; **Administração:** Formação voltada ao empreendedorismo, o que permite aos acadêmicos definirem qual o seu mercado de trabalho, desenvolvem seus próprios negócios e gerarem novos postos de trabalho; **Ciência da Computação:** O curso busca constantemente o trabalho interdisciplinar, lecionando disciplinas como Algoritmos, Programação, Sistemas Operacionais, Redes de Computadores, Banco de Dados, Engenharia de software, Inteligência Artificial e Computação Gráfica; **Ciência da Computação:** O curso busca constantemente o trabalho interdisciplinar, lecionando disciplinas como Algoritmos, Programação, Sistemas Operacionais, Redes de Computadores, Banco de Dados, Engenharia de software, Inteligência Artificial e Computação Gráfica; **Direito:** A graduação em Direito tem, em sua proposta de ensino, uma formação que busca preparar acadêmicos com os domínios das técnicas do direito, podendo, assim compreendê-las profundamente e pensar o fenômeno jurídico na sua dimensão social, filosófica, política, científica e histórica; **Fisioterapia:** A graduação em Fisioterapia possui um enfoque humanista e busca desenvolver, nos acadêmicos, uma visão holística do paciente, considerando o aspecto biopsicossocial; **Pedagogia:** A graduação em pedagogia estuda os fundamentos da educação como psicologia do desenvolvimento humano, processo ensino-aprendizagem, filosofia, sociologia, história da educação. Os pedagogos formados compreenderão os saberes e metodologias de ciências, artes, história, matemática, língua portuguesa, geografia, educação física e alfabetização de crianças, jovens e adultos bem como a gestão escolar. Disponível em: <<http://www.unesc.net/portal/capa/index/221/6869/>>. Acesso em: 21/10/2015.

Figura 1 - Localização da Universidade do Extremo Sul Catarinense



Fonte: Disponível em: <<https://www.google.com.br/maps/>>. Acesso: 26/10/15 as: 15h00m.

Na universidade os acadêmicos se deparam com o ensino, a pesquisa e extensão. Enquanto os alunos estão estudando em seu turno, matutino, vespertino ou noturno, ele tem a possibilidade de estagiar em outro turno, horário, como projetos de pesquisa ou de extensão.

Entre as muitas possibilidades, os acadêmicos podem desenvolver o papel da extensão e da pesquisa na UNESC, em diversas áreas, como o Museu da infância, Boi de Mamão, Mosaico, etc.

Estes projetos, são propostos feitos por professores de suas respectivas áreas que criam a partir de editais que a PROPEX abre durante o ano, normalmente o edital pede para que os professores façam o projeto com um certo tempo para o seu desenvolvimento, por exemplo, dois anos. Após este tempo, a PROPEX abre outro edital, podendo o professor reenviar sua proposta, para renovar o seu contrato.

A intenção da PROPEX fazendo estas ações é sempre estar por dentro do desenvolvimento destes projetos, procurando entender como está o seu andamento. Um exemplo são as reuniões feitas normalmente de seis em seis meses para que os acadêmicos envolvidos expliquem como está sendo desenvolvido os seus trabalhos e que também contemplem os outros projetos, tendo assim, uma troca de experiência entre o grupo.

Também é importante que, quando abre editais para eventos de educação, como seminários, oficinas, ou outras possibilidades, os projetos

participem, divulgando assim o seu trabalho e esclarecendo que estão trabalhando, como exemplo a Semana de Ciência e Tecnologia⁶.

Além dos projetos de pesquisa e extensão, a PROPEX também contempla projetos e bolsas de estudo vindas do Governo Federal e Estadual. O PIBID⁷ é um exemplo destes projetos, cuja intenção é que acadêmicos já participem do cotidiano escolar, para que já vivenciem a profissão docente, além do programa ajudar no desenvolvimento da educação de nossa nação.

Todos estes projetos que fazem parte da UNESC e os acadêmicos participam é desenvolvido dentro e fora da instituição. Como vimos (Figura 1), a UNESC é dividida entre os seus complexos, em blocos para facilitar a transição dos próprios acadêmicos dentro da instituição.

Isto não significa que um curso desenvolva o seu trabalho em um único bloco, é comum que o curso necessite que o desenvolvimento das aulas aconteça em vários lugares. Se na aula os acadêmicos tiverem a necessidade de trabalharem em computadores, podem estudar no Bloco XXI C, ou em outro bloco que haja estes recursos tecnológicos. Se a aula é teórica em que tenham que desenvolver estudos em grupos, o professor e os acadêmicos podem estudar em algumas salas do Bloco XXI B, onde há mesas redondas e cadeiras ao redor, para o desenvolvimento de um estudo em grupo.

Entre outras, há muitas possibilidades para que os acadêmicos possam ter aulas e outros eventos, podendo aproveitar até os espaços fora da sala de aula convencional e dentro da instituição, como os espaços onde circulam acadêmicos de diversos cursos. (Figura 2).

⁶ Referenciado na p.14.

⁷ Referenciado na p.10.

Figura 2 - Espaço interno da UNESC



Fonte: Disponível em: <<http://www.newsrondonia.com.br/noticias>>. Acesso em: 25/10/15.

É comum que em uma universidade como a UNESC que implemente cada vez mais cursos, atraindo um número cada vez maior de acadêmicos com diversos interesses. Os cursos nesta instituição foram organizados dentro de áreas de conhecimento como denominadas UNAS⁸, isso não acontece só na UNESC, mas também em outras universidades talvez com o nome diferente: “Art. 4º - Ao Conselho Universitário (CONSU) compete: [...] V. Aprovar: [...] d) A criação, modificação e extinção de Unidades Acadêmicas (UNAs).” (Conselho Superior de Administração, 2014, p. 2).

Para a instituição ser intitulada de universidade, sobre a área de pesquisa, ela precisa ter no mínimo quatro especializações em *stricto sensu*, sendo que uma dessas quatro deve ser em doutorado. Como exemplo podemos observar os documentos institucionais, sobre o seu patrimônio: “Art.45 A UNESC poderá ministrar as seguintes modalidades de ensino superior nos termos da legislação vigente: I. Cursos de graduação. II. Cursos sequenciais. III. Cursos de pós-graduação, *lato e stricto sensu*.” (Conselho Superior de Administração, 2014, p. 34)

⁸ UNAHCE – Unidade Acadêmica de Humanidades, Ciências e Educação – UNAHCE, é a UNA em que está inserido o curso de Artes Visuais – Bacharelado e Licenciatura.

4.2 O CURSO DE ARTES VISUAIS - LICENCIATURA

Entre os diversos cursos que a UNESCO desenvolve, um deles é o curso de Artes Visuais. Quando ingressamos e optamos por estudarmos no curso, temos que escolher qual é a matriz que queremos estudar, o curso tem duas matrizes que desenvolve no mesmo tempo. Matriz de Artes Visuais - Bacharelado e matriz de Artes Visuais - Licenciatura.

A de Artes Visuais - Bacharelado promove em específico, estudos que são voltados para a produção de arte. O acadêmico quando ingressa neste curso tem a possibilidade de desenvolver sua produção, sua subjetividade, encontrar sua identidade como artista a partir de seus estudos e as produções que ele desenvolve.

Pode também trabalhar como curador e/ou crítico de arte onde estes têm uma visão geral da arte contemporânea e também específica do/dos artista/artistas que eles estão em diálogo, nos momentos de suas exposições possibilitando assim que o artista divulgue o seu trabalho e que o curador o crítico seja uma possibilidade de aproximação entre a obra e o espectador, que ele fomente o diálogo entre a obra e o espectador, deixando assim de ser um espectador que só vê.

Pode também trabalhar em casas de cultura, em secretarias de cultura e outros espaços que o município tenha a necessidade de um profissional da área de artes. Também pode trabalhar para empresas, ser cartunista entre muitas outras possibilidades.

A de Artes Visuais - Licenciatura contempla em formar profissionais para a área docente no ensino de artes. Então o acadêmico que tem o desejo de ser professor de artes, o curso de Artes Visuais - Licenciatura lhe possibilita, formando assim, um profissional qualificado para a atuação em docência em Artes Visuais.

Como acadêmico de Artes Visuais - Licenciatura também tem a possibilidade de trabalhar em secretarias de cultura em museus, em espaços informais para a educação, em projetos de ensino de artes fomentado pelo governo e também pela prefeitura entre outras as possibilidades.

O curso de Artes Visuais - Licenciatura contempla uma grade⁹ ampla de disciplinas, cito algumas: Percepção e Desenho, Composição, Fotografia,

⁹ Vou me deter na matriz curricular n. 04 em vigência durante minha graduação, nos quatro anos que estive no curso, de 2012 a 2015.

Linguagem Teatral, Gravura e Pesquisa, Pintura e Pesquisa, Escultura e Pesquisa, Linguagem Musical e Educação, Estágios obrigatórios em espaços formais e não formais, Estética, Didática, Psicologia do Aprendizado, Filosofia, Libras entre tantas outras, completando a carga horária¹⁰, fomentando ainda mais a pesquisa sobre o ensino de artes e fazendo um ensino de qualidade.

Como acadêmico de Percepção e Desenho trabalhamos para um aprendizado específico no desenho, desenvolvendo suas técnicas e experimentando possibilidades para trabalharmos em sala de aula. Isso também acontece nas aulas de Pintura e Pesquisa, Fotografia e Pesquisa, Gravura e Pesquisa, Fotografia e Pesquisa, onde estudamos suas técnicas e possibilidades de atuação em sala de aula.

Linguagem Teatral, Linguagem Musical e Linguagem da Dança e Educação, são disciplinas que apesar de não serem específicos das Artes Visuais, os acadêmicos têm a possibilidade de conhecer estas linguagens da arte e que por lei é obrigatório o ensino destas linguagens na Educação Básica, sendo que a Dança é dividida entre a Arte e a Educação Física.

Na disciplina de Estética estudamos a Filosofia da arte, toda sua trajetória, como era e é vista e desenvolvida a arte, a sua produção a sua reprodução, os meios tecnológicos de cada época, as suas possibilidades. Já na disciplina de Filosofia estudamos em um contexto geral, sobre as políticas existente e o meio que o homem vive.

Disciplinas como metodologia do ensino da arte, Didática, Psicologia do Aprendizado, são voltadas para o aprendizado de como ensinar, como é hoje o trabalho do professor a partir dos conceitos de estudiosos como Vygotsky, Piaget, Freire entre outros.

Libras e Fundamentos e Metodologia da Educação Especial, são disciplinas estudadas, que tratam sobre a inclusão na escola como direito de todos os alunos, procurando assim a formação de um docente mais apto a trabalhar com a inclusão, procurando assim diminuir o preconceito existente em nossa sociedade.

Entre estas disciplinas citadas o curso de Artes Visuais tem outras que também fazem parte da matriz curricular nº 04 do curso e que também faz parte no desenvolvimento para a formação do acadêmico.

¹⁰ Disponível em: <<http://www.unesc.net/portal/capa/index/42/2476/>>. Acesso em: 21/10/2015.

Entre os blocos já citados na seção anterior deste subcapítulo, um dos mais importantes, talvez o que mais representa o nosso curso de Artes Visuais na universidade é o bloco Z. No bloco Z (Figura 3) se localizam os ateliês como: de pintura, serigrafia, gravura, escultura, cerâmica, a sala de teatro e o estúdio de fotográfico.

Figura 3 - Bloco Z - Ateliês do curso de Artes Visuais



Fonte: Disponível em: < <http://www.sulinfoco.com.br/artes-visuais-e-anima-da-unesc-promovem-atelie-em-fluxo>>. Acesso: 06/12/2015.

Para um docente qualificado em artes, é importante que tenha a experiência de diferentes linguagens artísticas como uma universidade pode propor.

A educação deve ser direito de todos os cidadãos. Para que seja possível modificar a realidade da sociedade no âmbito regional, é necessário que estas questões sejam discutidas no meio acadêmico. Uma vez que não é a sociedade que deve transformar a educação ou a educação deve buscar atingir o objetivo de transformar a sociedade, e sim uma troca constante, uma relação que comunga seus valores e sua construção para a qualidade de vida de seus cidadãos. (Artes Visuais - Licenciatura, 2014, p. 20).

Desta forma, para que um aluno de Ensino Regular tenha a possibilidade que sua educação na área de artes tenha importância e não transpasse de forma

banal, é importante que este acadêmico passe por professor qualificado tornando assim um profissional competente, que irá de forma inteligente atuar e defender o ensino das artes.

Os acadêmicos podem analisar que, se fizerem um breve histórico das disciplinas que tem durante o curso, como vimos acima, sem dúvidas todas serão importantes para a sua formação em artes, pois, vejo que uma disciplina complementa a outra.

Reflexivamente quanto ao processo criativo a partir das disciplinas o acadêmico consegue perceber acontecimentos vivenciados e compartilhados pelas escolhas principalmente em trabalhos em grupo.

Nesse tipo de atividade, a personalidade do trabalhador, suas emoções, suas afetividades fazem parte integrante do processo de trabalho: a própria pessoa, com suas qualidades, seus defeitos, sua sensibilidade, em suma, com tudo o que ela é, torna-se, de certa maneira, um instrumento de trabalho. Nesse sentido, ela é um componente tecnológico das profissões de interação. (TARDIF, 2002, p. 142).

A UNESCO também possibilita para os acadêmicos a extensão universitária, no curso de licenciatura podemos vivenciar esta extensão universitária de duas formas: a primeira é na oitava fase como disciplina de Estágio obrigatório, onde os acadêmicos de artes devem criar um projeto que visa trabalharem em um espaço não formal, ou seja, trabalhar em um espaço que seja fora da sala de aula, a segunda é serem bolsistas de professores da área que criam projetos de extensão, podendo assim estudar em outro turno.

Quando os acadêmicos vão para além dos muros da universidade, em uma comunidade em específico, trabalhar em projetos como o Boi de Mamão¹¹, os discentes têm a oportunidade de fazer estudarem sobre o assunto, tem a oportunidade de conhecer as pessoas daquela comunidade e fazer pesquisa sobre seus anseios, suas necessidades, seus desejos. A partir do que os acadêmicos presenciarem, anotarem, perceberem as necessidades, podem elaborar uma maneira de atuarem como bolsistas de projetos de extensão de forma sábia para que possam desenvolver seus projetos visando a necessidade real da comunidade.

Este é um papel, importante que a universidade proporciona ao acadêmico, pois o ensino e aprendizado que ele está tendo durante toda sua fase

¹¹ Referenciado na p.13.

acadêmica é importante para sua formação, fazendo assim que se tenha em nossa comunidade seres pensantes e ativos, visando o bem para sociedade.

Neste ano de 2015 o curso de Artes Visuais - Bacharelado e Licenciatura, está completando 45 anos, atuando na formação de professores de artes em Licenciatura e na formação de artistas, no Bacharelado. Para a comemoração desta data importante, o curso convidou para falar um pouco sobre o ensino de artes o renomado Prof. Dr. Celso Favaretto, da USP (Figura 4).

Figura 4 - Aula inaugural com o professor pesquisador Celso Favaretto referente aos 45 anos do curso



Fonte: Disponível em: <<http://www.unesc.net/portal/blog/index/114/10/0/3/2015>>. Acesso em: 24/10/15.

5 SOBRE O PROFESSOR PESQUISADOR NAS DIFERENTES AREAS

5.1 O PROFESSOR PESQUISADOR NA UNIVERSIDADE

A educação dos sentidos e da percepção amplia o nosso conhecimento de mundo, o que vem reforçar a ideia de que a arte é uma forma de conhecimento, que nos capacita a um entendimento mais complexo e de certa forma mais profundo das coisas. (ZAMBONI, 1998, p. 21).

Ainda segundo o autor, que é um dos estudiosos de professores pesquisadores de artes no Brasil, criou um grupo de estudos que trata dentro da área das ciências humanas o ensino de artes. O autor destaca algumas características que preocupam os estudiosos desta área, primeiro a fragilidade que ela se tinha comparada com as outras áreas, principalmente com as ciências *hard*¹², como, os níveis de titulações que essa área tinha, era muito precário afirma Zamboni. Outra questão levantada é sobre o que é pesquisa em Arte? E qual é a sua finalidade?

Zamboni (1998, p. 20-21) afirma que:

Tanto a arte como a ciência acabam sempre por assumir um certo caráter didático na nossa compreensão de mundo, embora o façam de modo diverso: a arte não contradiz a ciência, todavia nos faz entender certos aspectos que a ciência não consegue fazer.

Estas e outras questões estavam fortemente sendo tratadas entre o grupo do CNPq até porque, quando se pensa em pesquisa que não é recente, vem ocorrendo desde 1984 enfrentando muitos problemas, desafios e conquistas.

[...] ao serem institucionalizadas mais áreas do conhecimento, aqueles que a aprovam sabem que suas próprias áreas já consolidadas podem sofrer declínio no volume de recursos. Sou muito pragmático na questão da pesquisa. Pesquisa é feita com recursos, não só no Brasil como em qualquer lugar do mundo. E a briga entre cientistas, entre áreas, entre laboratórios, entre instituto é ferrenha. Pesquisa não é purpurina e sim um fator decisivo para um país se desenvolver ou não, avançar ou ficar para trás, ser dependente ou soberano. (ZAMBONI, 2005, p. 193).

Para se fazer pesquisa, demanda recursos, pois, fazer pesquisa em qualquer área necessita de financiamentos. Segundo Zamboni (1998, p. 43),

¹² As ciências "*hards*" são conhecidas como uma ciência em confiar no experimental, ela é a ciência que tem o foco na exatidão e objetividade.

“pesquisar é desejar solucionar algo, mas pode-se, em condições muito especiais, até encontrar algo que não se estava buscando conscientemente, sem que essa solução ocorra através da pesquisa.”

Após muita discussão foi aprovado para que o grupo de estudos em artes fizesse pesquisas relacionadas para o desenvolvimento de sua área. As primeiras áreas do desenvolvimento de pesquisa em arte:

[...] alguns dos presentes não admitiam a questão de pesquisa nas linguagens visuais e a saída encontrada foi contemplar, na futura Associação, cinco áreas: linguagens visuais, história e crítica de arte, curadoria restauro e arte-educação (nome utilizado na época). (ZAMBONI, 2005, p. 195).

A partir destas áreas de conhecimento criadas na associação da ANPAP, sobre pesquisa em arte ampliou-se as possibilidades de se fazer pesquisa na área e o grupo então estava fortemente atuando em uma área nova que estava abrangendo no Brasil inteiro, que, aliás, muitas eram as vozes, que pediam por recursos que estudassem mais sobre as artes.

Até então só se tinha pesquisa em artes, na Universidade de São Paulo (USP) em específico e com o grupo de estudo ampliou-se para toda a nação. O grupo de pesquisa em Artes do CNPq também criou um grupo de estudo intitulado ANPAP¹³ (Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas):

Instalada e oficializada a área de Artes, eu tinha muita preocupação com ela, porque estava achando que minha missão no CNPq já estava encerrando, e temia pelo futuro. Naquela época, havia um superintendente que a defendia muito, o presidente era simpático à área, o coordenador da área de ciências humanas também a via com simpatia, mas eu não acredito em nomes, eu acredito em instituições, então, era fundamental se dar mais um passo buscando fortalecer a área recém-institucionalizada. A idéia era criar uma associação de pesquisadores, especialistas, professores universitários, nos moldes em que as demais áreas do conhecimento estruturavam suas associações. Seria a Associação Nacional de Pesquisadores em Artes, a ANPAP. Se a ANPAP conseguisse ser uma agremiação unida, forte e valente, poderia se impor em qualquer embate para apresentar suas reivindicações. (ZAMBONI, 2005, p. 194-195).

¹³ Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas, fundada em 1987 e congrega pesquisadores para promover, desenvolver e divulgar pesquisas no campo das artes visuais. A ANPAP é composta por cinco Comitês: Comitê História, Teoria e Crítica da Arte (CHTCA), Comitê Educação em Artes Visuais (CEAV), Comitê Poéticas Artísticas (CPA), Comitê Curadoria (CC) e Comitê Patrimônio, Conservação e Restauro (CPCR). Disponível em: <<http://www.anpap.org.br/default/>>. Acesso em: 11/10/2015.

Com a criação de uma associação para fortalecer e reivindicar sobre o que necessita e o que almeja o grupo de pesquisa em arte só tem a ganhar, pois é algo voltado para as Artes do ensino em geral no Brasil inteiro.

A partir destes grupos, houve um avanço considerado para os estudiosos nos programas de pós-graduação em artes. Em Santa Catarina e no Brasil o Licenciado e Bacharel em artes podem encontrar várias possibilidades de continuar seus estudos a partir de seu interesse, entrando na área de museologia, curadoria, educador de artes, crítico de arte, formação de professor de artes, entre outros.

Para que estes grupos de estudiosos que se preocupam com o ensino de artes, consigam se manter firmes e latentes, é importante que eles encontrem espaços que possibilitem o desenvolvimento desses estudos. Um dos espaços possíveis para encontrar estes pesquisadores são as universidades. E dentro da universidade.

Tais pesquisas se baseiam em diversas correntes teóricas como a fenomenologia existencial, as histórias de vida pessoal e profissional, os estudos sobre as crenças dos professores, os enfoques narrativos que estudam a “voz dos professores”, ou seja, seus próprios relatos e metáforas pessoais referentes ao seu ofício, etc. [...] engloba toda a história de vida dos professores, suas experiências familiares e escolares anteriores, sua afetividade e sua emoção, suas crenças e valores pessoais, etc. poderíamos incluir também nessas pesquisas os raríssimos trabalhos de inspiração psicanalítica que se interessam pelo ensino. De qualquer maneira, nessa segunda orientação, o professor é considerado o sujeito ativo de sua própria prática. (TARDIF, 2002, p. 232).

No campo do ensino (escolas, universidades), o importante que se tenha a prática da pesquisa, pois os professores motivados pela pesquisa possibilitam aos alunos, aos acadêmicos oportunidades de praticar a pesquisa em um âmbito geral de conhecimento.

Como pretender disseminar uma postura investigativa, quando nem mesmo os professores universitários assumem integralmente sua condição de pesquisadores? Não seria excesso de voluntarismo ou idealismo ingênuo avaliar uma proposta de formação de professores-pesquisadores? Argumentos é o que não faltam para defender o fechamento do campo da pesquisa aos que já detêm este conhecimento. (ESTEBAN; ZACCUR, 2002, p. 11-12).

Além da prática atualizada, o professor pesquisador proporciona para a sua aula, propostas que também fornecem para os acadêmicos, um ensino ligando

entre a teoria e a prática, sabendo que o fazer pesquisa deve estar estruturado com o ensino que o docente está trabalhando.

O ensino-pesquisa-que-procura rejeita tanto as lógicas, quanto as empiricidades das 'verdades' daquele outro ensino, feito sem pesquisa, e daquela outra pesquisa, feita sem ensino. O que ele diz é 'a falta de verdade' destes modos de ensinar e de pesquisar [...]. (ESTEBAN; ZACCUR, 2002, p. 63).

Podemos encontrar a prática da pesquisa na universidade em alguns momentos. Como acadêmicos temos a oportunidade de atuar em projetos de pesquisa desenvolvido por nossos professores a fim de estudarmos algo que está relacionado com o seu curso, para que possamos contemplar a pesquisa juntamente com o ensino que temos.

Professores que atuam como pesquisadores, são docentes, incomodados com algum assunto ou tema, onde quando a universidade abre algum edital ou possibilidade de desenvolvimento de sua pesquisa, o professor enxerga a chance de atuar como pesquisa em sua determinada área de interesse.

E o que fazemos nós, nas faculdades de educação, com tudo isso? Fazemos a nossa parte. Alimentamos, fazemos crescer a insatisfação com o que já sabemos, praticamos e dizemos, como professoras/es e pesquisadoras/es. Investigamos e ensinamos a "Teoria" – com T maiúsculo – contemporânea, que emerge dessa paisagem pós-moderna que nos circunda. Esta paisagem que é a que, simultaneamente, delimita e amplia nossos horizontes. Ela que é nosso problema e esperança, nosso tormento e alegria de estar educando, o presente em que estamos e o futuro que queremos mudado. (ESTEBAN; ZACCUR, 2002, p. 60).

Outro local que podemos encontrar a pesquisa na universidade são os programas de pós-graduação, nestes programas encontram acadêmicos em seu estudo continuado após a conclusão de sua graduação. Agora, no mestrado ou doutorado os discentes escolhem um estudo mais específico a partir da sua graduação e de seu interesse.

Nas salas de aula também se pode articular o ensino com a pesquisa sendo que o professor em sua área propõe atividades, ou que a coordenação do curso faça alguma atividade que envolva todos os acadêmicos do curso para que façam alguma pesquisa em algum determinado assunto a partir do que o professor deseja.

Noutras palavras, se a pesquisa universitária vê nos professores sujeitos do conhecimento, ela deve levar em consideração seus interesses, seus pontos de vista, suas necessidades e suas linguagens, e assumir isso através de discursos e práticas acessíveis, úteis e significativas para os práticos. (TARDIF, 2002, p. 239).

Quando esta pratica está em desenvolvimento com o ensino, os acadêmicos têm a possibilidade de conciliar o seu ensino com algo que lhe tem mais interesse. No curso de Artes Visuais, o papel da pesquisa pode ser muito amplo, podendo atuar nos diferentes campos das linguagens artísticas.

O processo de trabalho, principalmente em arte, não é algo linear, é um processo de idas e vindas, de intuição e de racionalidade que se interpõem no caminho da reconstrução representativa de uma realidade. É uma etapa eminentemente criativa, e que dá forma material e organizada a uma série de idéias e fatos coletados de uma determinada realidade. Embora não seja o momento mais característico, é o momento mais importante do desenvolvimento de uma pesquisa em artes, por que é exatamente quando se materializam as idéias. (ZAMBONI, 1998, p. 57).

Na arte contemporânea é essencial que haja pesquisa, pois, a possibilidade de artistas e professores de artes trabalharem é muito vasta. Também, se há rupturas na arte contemporânea, é porque ali há pesquisa, experimento, uma busca, ondem assim encontramos novas respostas, percebendo assim um campo muito amplo para o encontro da arte:

Nesta perspectiva, o professor pesquisador de artes, quando concilia o ensino e a pesquisa, possibilita que o acadêmico se emancipe das várias condições que podemos encontrar em nossa sociedade, que tenha uma maior condição de aceitação de outras culturas. Dessa forma, para esta pesquisa é de extrema importância trazer esclarecimentos sobre o professor pesquisador de artes que enfrenta desafios em conciliar a sua pratica pedagógica com a pesquisa e que do mesmo modo colabora e contribui para o fomento da pesquisa acadêmica e a ampliação de seu repertório artístico cultural.

Assim, nas universidades há uma vasta miscigenação entre as culturas, além de que, no ensino de nível universitário, as disciplinas vão para além de estudos que fiquem em nossa cultura, a exemplo disto, temos em nosso curso disciplinas de antropologia cultural, história da arte, entre outras onde estudamos as diversas culturas.

Se há um consenso unânime no sentido de se conferir à universidade a função de produzir e difundir conhecimentos, há também uma aceitação válida para a maioria dos países, de que é nela que se pode ter contato sistemático com a cultura universal. É mais propriamente nela, apesar de que não exclusivamente, o lugar de estudo das culturas locais e nacionais, das civilizações, dos conceitos, leis, teorias, pensamentos, definições, interpretações, explicações etc. (WANDERLEY, 1986, p. 29).

Em uma universidade como já foi citado, há muitos cursos de diferentes áreas do conhecimento humano. Quando estes estudos geram pesquisas é possível, que se tenha interdisciplinaridade entre os cursos, pois, a partir de um projeto de pesquisa em uma determinada área pode acontecer mais de um curso ver interesse de atuação nesta pesquisa sendo que quando isto acontece, áreas distintas uma da outra deva estar em diálogo constante um com o outro a todo momento para que haja um desenvolvimento qualitativo em seus estudos, exemplo entre arte e ciência:

A estereotipada concepção de que o cérebro do cientista é somente racional e linear é bastante difundida, mas para fazer ciência é necessário utilizar as duas metades do cérebro. Da mesma maneira, não existe um cérebro padrão do artista que funcione somente pelo seu lado intuitivo. Quanto a este aspecto, deve-se lembrar que os grandes artistas, ou seja, aqueles que conseguiram mudanças de paradigmas e que moveram o curso da arte, nem só de intuição viveram e trabalharam, pelo contrário, usaram o cérebro racionalmente e através da linguagem verbal emitiram seus manifestos e enunciaram suas teorias. (ZAMBONI, 1998, p. 25).

Hoje se discute muito sobre atividades e práticas metodológicas, tanto nas universidades quanto nas escolas; entende-se em um dos aspectos da interdisciplinaridade, que o aluno tem um conhecimento e desenvolvimento mais significativo a ponto de conseguir internalizar este aprendizado com as práticas do cotidiano.

Entre muitos papéis, a pesquisa possibilita que o acadêmico desenvolva habilidades como o respeito, conhecimento mais profundo e amplo do seu curso. A pesquisa torna o sujeito mais prático e reflexivo que de forma mais hábil consiga resolver os diferentes problemas que encontrará como acadêmico e profissional de sua área.

Todos nós, professores universitários, reconhecemos alunos e alunas que trazem uma prática questionadora como sendo os mais interessados, aqueles que se propõem a investir com seriedade na construção do conhecimento. Esses alunos que se destacam por não bateram às portas da universidade como quem burocraticamente se dispõe a cumprir

determinadas tarefas insípidas para tão somente obter um diploma de 3º grau. Ao contrário, o apetite com que se lançam às leituras e o empenho com que participam das discussões mostram claramente que se trata de quem está mergulhado enquanto totalidade no 'fazer pensado'. (ESTEBAN; ZACCUR, 2002, p. 16).

Por outro lado, em específico os professores também deve ser incentivado a fazer pesquisas, a universidade pode aplicar práticas como abrir editais, possibilitando verba para que se faça pesquisa na universidade e fora dela, incentivar os professores terem um estudo continuado, criando projetos para que os professores sejam atuantes dos mesmos, entre diversas possibilidades que a universidade pode ter.

Em segundo lugar, essa perspectiva propõe a elaboração de novas formas de pesquisa universitária que considerem os professores de profissão não como cobaias, estatísticas ou objetos de pesquisa, mas como colaboradores e até como co-pesquisadores. [...] Pouco importa o nome que lhes dermos (pesquisa-ação, pesquisa colaborativa, pesquisa em parceria, etc.), essas novas formas de pesquisa exigem dos pesquisadores universitários um esforço importante para ultrapassar as lógicas científicas, disciplinares e monodisciplinares que regem atualmente o sistema de pesquisa institucionalizado nas universidades. (TARDIF, 2002, p. 238).

Com estas ações, a tendência é que tenha um ensino de qualidade e que tenha cada vez mais desenvolvimento, sempre buscando fontes novas e novos espaços, possibilitando assim cada vez mais o progresso e a difusão do ensino.

5.2 O PROFESSOR PESQUISADOR NA ESCOLA

'[...] professora-pesquisadora' não é algo que tenha surgido da imaginação iluminadora de meia dúzia de pessoas, mas veio mostrando-se na observação da prática por nós pesquisada – sempre muito bem acompanhadas, por muita gente - na qual víamos que a professora pensava e tinha posições. Por isto, e a partir daí, assumia um tipo de prática que se consolidava e que, às vezes, não era a que poderíamos entender como sendo a melhor, a partir do nosso ponto de vista, mas que era sempre uma *prática pensada*. (ESTEBAN; ZACCUR, 2002, p. 107).

Partindo agora para um diálogo que trata sobre a educação e a profissão docente, contemplaremos outro espaço para um professor atuar. Também em espaço formal, o professor de artes pode atuar, nas escolas. Normalmente após a graduação, é para estes espaços que os professores atuam em sua profissão.

O professor da disciplina de artes tem o seu lugar garantido desde 1996, aprovado nas Leis Diretrizes e Bases de 1996, garantindo que os alunos tenham um professor de Artes, “O ensino da arte, especialmente em suas expressões regionais, constituirá componente curricular obrigatório nos diversos níveis da educação básica, de forma a promover o desenvolvimento cultural dos alunos.” (BRASIL, 2014, p. 19).

De qualquer forma, as escolas tinham o ensino de artes com o modelo tecnicista, tradicional, mas que sofreu alteração com o decorrer dos tempos. Hoje o objetivo do ensino de artes nas escolas é outro com o que era naquela época.

A partir dos estudos, das pesquisas e do desenvolvimento do ensino das disciplinas que existiam e existem na educação e também no ensino de artes os objetivos propostos mudaram, pois, o intuito é que o ensino esteja em constante desenvolvimento em todas as áreas de ensino.

Muitos estudiosos perceberam que o ensino das artes na escola pode trazer para os alunos qualidades e desenvolvimento de um sujeito reflexivo, que analisa as condições e os padrões que encontramos na sociedade, que o sujeito seja um ser pensante e autônomo de suas decisões, pois o ensino da arte traz para o aluno uma condição de desenvolvimento da sua subjetividade com o mundo:

Aprender em arte implica desafios, pois a cultura e a subjetividade de cada aprendiz alimentam as produções, e a marca individual é aspecto constitutivo dos trabalhos. [...] O aluno constrói a realidade, atribuindo-lhe significado. Para tanto, necessita de uma atitude favorável para aprender; o aluno deve estar motivado, relacionando o que aprende ao que já sabe. [...] O aprendiz, como sujeito ativo, mobiliza seus esquemas de conhecimento para construir formas novas de agir e compreender o universo. Não aprende acumulando informações, numa perspectiva somatória, mas colocando em contato, por si ou por influência do meio, seus esquemas de conhecimento (práticos e teóricos) com conhecimentos novos, realizando uma aprendizagem significativa. (IAVELBERG, 2003, p.11, 45).

Iavelberg (2003) nos orienta, para que seja significativo o ensino do aluno é importante que o objeto de estudo tenha ligação com o meio e que ele vive, tanto no que o professor ensina quanto ao aluno que internaliza estes saberes. Para o ensino das artes não é diferente, talvez seja nessa disciplina que o professor tem a oportunidade de expor mais, tanto as suas emoções quanto a sensibilidade e a criatividade.

Depois de visita à 22ª Bienal, em 1994, com uma classe de 7ª série, solicitei aos alunos que escrevessem sobre suas impressões e sobre o que julgaram mais interessante na visita e nas aulas. [...] O mais legal da obra de Lygia é que você pensa em cima do pensamento dela, você interpreta como quiser; na verdade, isso acontece com todas as obras, mas a diferença é que o objetivo dela é demonstrar isso, ao contrário dos outros. (IAVELBERG, 2003, p. 97-98).

Entre o aprender e o ensinar nas aulas de artes, há um intermédio que faz ter significado para os alunos sobre o que ele está estudando. Esta conexão que faz com que o aprendizado proponha mais criatividade do aluno é a experiência. A experiência nos move; é essa movimentação que proporciona o desenvolvimento das atividades artísticas em sala de aula, pela experiência, provocar o sujeito.

Esse sujeito que não é o sujeito da informação, da opinião, do trabalho, que não é o sujeito do saber, do julgar, do fazer, do poder, do querer. [...] o sujeito da experiência seria como um território de passagem, algo como uma superfície sensível que aquilo que acontece afeta de algum modo, produz alguns afetos, inscreve algumas marcas, deixa alguns vestígios, alguns efeitos. [...] o sujeito da experiência é um ponto de chegada, um lugar a que chegam as coisas, como um lugar que recebe o que chega e que, ao receber, lhe dá lugar. [...] o sujeito da experiência é, sobretudo um espaço onde têm lugar os acontecimentos. (BONDIA, 2002, p. 24).

Desenvolver competências e habilidades a partir da experiência é fundamental para as aulas de artes, talvez neste mundo tão corrido que vivemos hoje, é nas aulas de artes que o aluno tem a possibilidade, o aprendizado de entender e viver as diversas experiências estéticas que podemos ter, com todos os recursos a nossa volta.

Imagine em nossas aulas de artes, tirarmos todas as carteiras e colocar no centro da sala um objeto como a de um globo que tem pontas de carvão e que os alunos podem aproximar-se dele, experimentar, buscando resultados, mas como se fosse saborear aquela atividade, internalizar, senti-la, experimentar sem buscar resultados imediatos.

Figura 5 - ADA, analog interactive installation / kinetic sculpture – 2010.



Fonte: Disponível em: <<http://news.upperplayground.com/tag/london>>. Acesso em: 25/10/15.

Nesta atividade os alunos teriam a possibilidade de desenvolver esta prática a partir de seus conhecimentos, como lançar a bola, puxar, arrastar, enfim, diversificadas maneiras de utilizar aquele objeto, sem um objetivo. Na verdade, para o professor de artes está atividade tem um objetivo, que é possibilitar a experiência estética a partir da simulação feita da instalação de ADA, *analog interactive installation / kinetic sculpture* feita em 2010 da artista Polonesa Karina Smigla-Bobinski.

Este exemplo de prática cabe ao professor de artes, entendendo que ele é o mediador que pode ser a ponte entre o conhecimento e o aluno. Para que este conhecimento esteja bem interpretado por um professor de artes, é importante que ele também deixe ser tocado por qualquer experiência que irá propor, para experimentar o seu próprio desenvolvimento metodológico.

Está é uma das práxis que possibilita um professor de Artes de Educação Básica ser pesquisador, afinal, a partir das questões, das buscas e do conhecimento artístico o professor planeja e desenvolve ações metodológicas para a sua aula de artes, contribuindo para uma educação artística de qualidade:

É fundamental, portanto, que o/a professor/a se instrumentalize para observar, questionar e redimensionar seu cotidiano. Tal movimento só se torna concreto através do permanente diálogo prática-teoria-prática. A prática sinaliza questões e a teoria ajuda a apreender estas sinalizações, interpretá-las e a propor alternativas, que se transformam em novas práticas, portanto, ponto de partida para novas indagações, alimentando permanentemente o processo reflexivo que motiva a constante busca pela ampliação dos conhecimentos de que se dispõe. (ESTEBAN; ZACCUR, 2002, p. 21).

Dialogando com Maria Teresa Esteban e Edwiges Zaccur, Iavelberg para complementar sobre a/o professora/professor pesquisadora/pesquisador afirma:

É necessário que o professor seja um “estudante” fascinado por arte, pois só assim terá entusiasmo para ensinar e transmitir a seus alunos a vontade de aprender. Nesse sentido, um professor mobilizado para a aprendizagem contínua, em sua vida pessoal e profissional, saberá ensinar essa postura a seus estudantes. (IAVELBERG, 2003, p.12).

Da mesma forma que o professor atua na universidade o professor também pode atuar nas escolas de Educação Básica como pesquisador. De qualquer modo, é importante que ele não desarticule o ensino com a pesquisa, se dedicando nos dois e não somente em um ou em outro.

Quando trata da ideia de um professor de Educação Básica ter um estudo continuado como professor pesquisador, muitos profissionais veem dificuldades ou até mesmo pensam no professor pesquisador como algo que está distante do seu mundo, ou além de sua competência profissional:

Há muitos anos, nós e outros pesquisadores e pesquisadoras no Brasil temos nos referido à professora pesquisadora e, algumas vezes, provocado muita reação: ‘Como? Querem dar mais uma tarefa para a professora, já tão sobrecarregada?’ – Reclamavam uns. Outros, talvez por razões corporativas, se assustavam: ‘O que é isso? Agora também querem que a professora primária faça pesquisa?’ (ESTEBAN; ZACCUR, 2002, p. 105).

Apesar das muitas cogitações que tinham e tem sobre este professor, devemos compreender que fazer pesquisa deva estar em nossas próprias ações, este processo, quando pensado no professor tem que ser visto como algo natural, não como algo desestruturado de seu ensino.

[...] lidar com a pesquisa em arte e educação e, mais especificamente, com a pesquisa sob meu olhar de arte-educadora. Este olhar tem alguns significados para mim. Um deles é incorporar a potência das artes e das

imagens para reunir reflexão, criatividade e autoconhecimento no processo de pesquisa. (TOURINHO, 2012, p. 231).

Quando o professor faz pesquisa, ele também conhece algo novo, vai para além do seu saber obtido na graduação e na sua profissão, é um sujeito curioso, inquieto com específicas ações do seu dia a dia, é reflexivo em sua pesquisa, amplia seu repertório e planeja sua pesquisa.

Para Lacan, no campo da pesquisa dita “científica”, há dois domínios que podem ser reconhecidos: “aquele em que se procura, e aquele em que se acha”. Domínios que correspondem a fronteiras muito bem definidas, quanto ao que se pode qualificar de “ciência”. (ESTEBAN; ZACCUR, 2002, p.57-58).

Na escola, a arte tem a possibilidade de desenvolver diferentes competências e habilidades, mesmo assim, esta não é sua justificativa de estar no currículo escolar, como se ela fosse ferramenta para outras disciplinas, mas sim, ela por si só tem o objetivo de transformar o sujeito em um ser reflexivo e autônomo. Conseguimos analisar as aulas de artes hoje com a arte contemporânea. “Aprender arte envolve a ação em distintos eixos de aprendizagem: fazer, apreciar e refletir sobre a produção social e histórica da arte, contextualizando os objetivos artísticos e seus conteúdos.” (IAVELBERG, 2003, p. 10).

Principalmente hoje, um professor na arte contemporânea, onde encontramos muitas diversificações sobre a arte e rupturas sobre a mesma possibilitando que o professor faça pesquisas em diversas áreas das artes e de todas as produções que encontramos em diversos lugares.

O professor pesquisador de artes consegue articular esta “novidade”; os artistas produtores e as produções que estão em constante desenvolvimento com a sua aula fazendo com que seja fundamental para a reeducação estética do sujeito em construção.

Na arte surgida dessa atitude, patente nas atividades contemporâneas, as obras, os experimentos, as proposições de toda sorte, funcionam como interruptores da percepção, da sensibilidade, do entendimento; funcionam como um descaminho daquilo que é conhecido. Uma espécie de jogo com os acontecimentos, de táticas que exploram ocasiões em que o sentido emerge através de dicções e timbres, nas formas não nos conteúdos; uma viagem pelo conhecimento e pela imaginação: são imagens que procuram captar o tipo de deslocamento da subjetividade promovido pelas obras da arte. (FAVARETTO, 2010, p. 232).

A estas questões o professor pesquisador, fundamentalmente, deve estar com a mente aberta para novos conhecimentos, oportunizando que a qualquer momento de sua pesquisa, a investigação possa tocá-lo; na medida que vai pesquisando o professor abre seu horizonte a conhecer novos meios, novos significados e um novo aprendizado.

Como podemos esperar que os alunos estejam abertos a novas experiências, se em nossas pesquisas nos limitamos a escolher, o que queremos ou achamos relevante? A partir deste ponto de vista, um professor quando pesquisa, perde muitas oportunidades de ampliar sua relação com a pesquisa, principalmente com a experiência e a sensibilidade que ele pode obter enquanto busca:

A experiência/conhecimento sensível é a base dos processos de percepção, significação e interpretação. O/a pesquisador/a não trabalha apenas com sua mente. Ele ou ela, vivem, convivem e se ressignificam enquanto atuam no mundo. Incorremos, muitas vezes, no engano de pensar/sentir que o mundo está lá fora, é externo a nós e existe à espera de que possamos descobri-lo, teorizar sobre ele, interpretá-lo. Mas, o que fazemos quando pesquisamos é dotar o mundo de uma moldura que delimita, guarda e dá relevância às questões que nos constituem. A pulsação pelo trabalho de investigar e a motivação que o alimenta dependem da sensibilidade que cria e institui nossas relações com o mundo; dependem dos sentimentos que construímos e que nos fazem transitar entre experiências, sempre embebidas na nossa vida cotidiana. (TOURINHO, 2012, p. 247).

Principalmente hoje, na arte contemporânea e no consumismo que vivemos, os professores de artes devem estar atentos ao desenvolver suas metodologias, pois vivemos no mundo do hoje. A questão não é menosprezar uma ou outra arte, mas que o ensino de artes como um todo esteja presente na Educação Básica, de forma significativa.

Em sua grande maioria, os professores e professoras de Artes têm em suas práticas as concepções de arte da modernidade e essa atitude acaba causando um afastamento dos jovens alunos da produção de arte contemporânea, causando inclusive certa banalização das temáticas e materiais utilizados pelos artistas. É comum buscar beleza nas produções artísticas, herança da arte clássica e por vezes da moderna, quesito esse que não é prioritário na arte contemporânea. (HONORATO, 2015, p. 42).

Assim, um professor de artes perde a chance de ter uma educação estética de qualidade, onde muitos artistas trabalham com questões voltadas ao consumo, ao poder do estado, ao capitalismo, as políticas existentes hoje entre muitas outras:

As pessoas compravam produtos sem considerar seu preço ou bom funcionamento porque os associavam ao capital cultural e social com que se identificavam. Isso continua a acontecer, mas há algo mais. Ao adotarem integralmente uma identidade hedonista e consumista, muitas pessoas com renda disponível agora consomem pelo simples prazer de fazê-lo. (DUNCUM, 2011, p. 18).

Nós como professores de artes temos a possibilidade em nossas aulas trabalharmos com a educação do olhar, que para um professor/a pesquisador/a, revela uma vasta gama de possibilidades voltada para os desenvolvimentos de suas aulas.

Hoje com os diversos recursos tecnológicos que temos é praticamente impossível nos limitarmos a vermos em torno de dez imagens, com as mídias e as diversas comunicações que podemos ter em um único dia vemos centenas de imagens invadindo nossas mentes e aglomerando ao modo que ficamos desatentos, nossa mente não filtra as imagens, por não dar conta, e mais, as imagens sempre tem um contexto dependente para quem a veja e o que ela seja:

As imagens sempre desempenham um papel no âmbito de lutas pelo significado, seja legitimando noções existentes e as estruturas de poder que apoiam, seja contestando tais noções ou incorporando ambivalência e contradição. [...] A cultura visual é bastante inclusiva, pois incorpora as belas-artes juntamente com a extensa gama de imagens vernáculas e midiáticas, imagética eletrônica contemporânea e toda a história da imagética produzida e utilizada pelas culturas humanas. [...] Uma imagem está conectada a outra, que, por sua vez, está conectada a uma terceira; imagens associam-se à literatura, poemas, letras de canções e filosofias de vida. Assim como a internet – esta também um rizoma -, a cultura visual não detém um centro ou uma estrutura linear. (DUNCUM, 2011, p.20).

Por último, o professor pesquisador, deve estar atento com a sua prática, deve observar seus alunos, conhece-los, não significa que deva ser um papel exclusivo do professor, mas que quanto mais íntimo o aluno estará disposto a embarcar em qualquer pesquisa sobre artes em diversos assuntos. Esta concepção de conhecimento não está somente na pesquisa, mas também nas interações humanas e os dilemas como cita Maurice Tardif, no seu texto '*A pedagogia enquanto tensões e dilemas*':

Dado que os professores trabalham com seres humanos, a sua relação com o seu objetivo de trabalho é fundamentalmente constituída de relações sociais. Em grande parte, o trabalho pedagógico dos professores consiste precisamente em gerir relações sociais com seus alunos. É por isso que a pedagogia é feita essencialmente de tensões e de dilemas, de negociações e de estratégias de interação. Por exemplo, o professor tem de trabalhar

com grupos, mas também tem de se dedicar aos indivíduos; deve dar a sua matéria, mas de acordo com os alunos, que vão assimilá-la de maneira muito diferente; deve agrada-los, mas sem que isso se transforme em favoritismo; deve motivá-los, sem paparicá-los; deve avaliá-los, sem excluí-los, etc. Ensinar é, portanto, fazer escolhas constantemente em plena interação com os alunos. Ora, essas escolhas dependem da experiência dos professores, de seus conhecimentos, convicções e crenças, de seu compromisso com o que fazem de suas representações a respeito dos alunos e, evidentemente, dos próprios alunos. (TARDIF, 2002, p. 132).

Partindo da concepção de professor e aluno, o docente deve ter a consciência de como agir em sua pesquisa, não atropelando as suas práticas e como deve ser um professor pesquisador, não somente na pesquisa, mas em toda sua vida.

Essas questões não são somente voltadas à pesquisa, porque elas estão diretamente ligadas a ética do professor, sendo que depende de sua postura profissional e pessoal que ele irá desenvolver a sua pesquisa independente se for de forma positiva ou negativa:

As questões “como devo agir?” e “que tipo de pessoa devo ser?” se entrelaçam nas discussões sobre ética e servem para guiar nosso fazeres/pensares investigativos. A primeira questão sugere envolvimento e consequência imediatos – como agir num determinado momento da circunstância. A segunda projeta uma construção, um devir que é, ao mesmo tempo, um estar sendo. Como são questões amplas e se estendem pela vida – não apenas durante os longos processos de pesquisa – vale lembrar que as pequenas coisas podem afetar as grandes. (TOURINHO, 2012, p. 245).

Das diversas possibilidades, o professor pesquisador em artes, com as pesquisas e conhecimentos que ele obtém em sua profissão e no decorrer do dia a dia, ele pode continuar seu estudo a partir dos grupos de pesquisa e estudo como a ANPAP, ABEM e ABRACE e podendo assim ter um conhecimento mais amplo sobre o ensino de artes, sobre as suas vivências como um artista e como sujeito em constante formação.

6 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS: CONVERSA DE UM ACADEMICO E PROFESSORA PESQUISADORA

A entrevista gravada foi realizada com a Profa. Dra. Aurélia Regina de Souza Honorato no dia 26 de outubro de 2015 para meu Trabalho de Conclusão de Curso, que traz como o título: “*O professor pesquisador de artes: desafios e contribuições em contextos de ensino*”, abrangendo como problema de pesquisa: entender como se dá a formação de um professor pesquisador que faz graduação, mestrado e doutorado e atua em instituição de Ensino Superior (universidade) e continua a atuar na Educação Básica.

Para a construção desta entrevista, organizei dez questões pertinentes ao estudo abordados ao longo da minha escrita. Procuo ao longo das falas trazer apontamentos dialogando com autores¹⁴. Esta pesquisa foi gravada em um gravador de voz e transcrita na íntegra.

A) Pesquisador: Em meu Trabalho de Conclusão de Curso, desenvolvo o tema que fala sobre “O professor pesquisador de Artes: Desafios e contribuições”, sendo que se trata de provocações que faço no campo do ensino da arte em nosso dia e especialmente quanto às possibilidades de pesquisa no campo das mesmas, na Universidade e na Educação Básica. A professora percebe ser importante um professor/professora de artes que atua na Educação Básica ser pesquisador sobre sua prática de ensino aprendizagem?

B) Professora Pesquisadora: *Sabe que eu percebo na escola onde estou hoje, que são vários tipos de professores, tem os ACT', tem os que estão na graduação tem professores que já são graduados especialistas, mas que não continuaram os estudos, e tem professores que são doutores, na verdade eu não sei a prática deles, mas eu percebo no conjunto da escola que os outros professores e a própria direção, sempre quando vão solicitar uma opinião, eles pedem e ouvem quando a gente fala, as pessoas param para ouvir.*

Eu já percebi nos meus alunos, dizendo que as minhas aulas tinham um outro movimento é porque este conselho de classe cada regente faz a leitura, eles fazem uma conversa com a turma, e nessa turma, uma turma minha que é a 305,

¹⁴ As questões estão anexadas no Apêndice A (p. 74).

elogiando: “gostaríamos de elogiar a professora Aurélia pelas aulas dinâmicas e que tem um certo movimento, que anima a gente” então, penso na verdade que o professor, tem que gostar muito do que faz, que não basta ser um pesquisador porque se a pessoa que não gosta do que faz não adianta ele nem ser pesquisador, pode ser tudo, se ele não gosta não vai ser nada então esse amor pelo trabalho, é que faz a gente estudar mais, sempre.

E este estudar mais é que acaba construindo uma carreira e essa carreira, conseqüentemente vai se transformando no seu trabalho, atualizando seu campo de pesquisa, entendendo as coisas que acontecem. Neste contexto, com a primeira questão tive a intenção de provocar uma resposta que trouxesse para mim a visão de um professor pesquisador que tem sobre a escola e sobre os alunos e que ele consegue perceber o quanto sua pesquisa é importante para a escola e principalmente para os alunos. E assim é afirmado a partir da resposta da professora.

Outra característica que trata sobre a prática da pesquisa é que, é importante o professor tanto de artes quanto de qualquer outra disciplina que goste do que faz, primeiramente, que a pesquisa deve partir da vontade pessoal do professor.

O papel dos professores é importante para que os alunos aprendam a fazer arte e a gostar dela ao longo da vida. Tal gosto por aprender nasce também da qualidade da mediação que os professores realizam entre os aprendizes e a arte. Tal ação envolve aspectos cognitivos e afetivos que passam pela relação professor/aluno e aluno/aluno, estendendo-se a todos os tipos de relações que se articulam no ambiente escolar. (IAVELBERG, 2003, p. 10).

Esta pesquisa que faz com que o professor consiga ver sua prática pedagógica de uma forma mais real, mais relevante para os alunos, por entendermos enquanto pesquisadores que não ficamos em espaços fechados como nossa disciplina, que, um professor pesquisador entende que o aluno não é dividido em disciplinas.

A) Pesquisador: Um dos autores que trago como referência e diálogo no meu TCC, é Maurice Tardif (2002), ele fala das diferentes formas de educação, mas centra sua escrita sobre os diferentes professores que temos e podemos encontrar. Sobre este professor pesquisador nas escolas de Educação Básica, como a professora acredita que ele compreendido pelos demais professoras/professores, e

se na realidade há uma diferenciação entre um professor/professora com outro que não é pesquisador?

B) Professora Pesquisadora: *Como no caso da sua pesquisa analisar o professor pesquisador e do não pesquisador, eu vejo uma diferença fenomenal, bem distante, é claro que também existe aqueles professores que recém chegaram à escola, se formaram agora estão muito animados, muito felizes por estar ali e poder colocar em prática, aquilo que eles trazem de bagagem na formação, como você, como a galera que está saindo muito felizes e animados, é esse professor que deve continuar estudando, fazendo especialização, ir para o mestrado. E no convívio do nosso dia a dia, por exemplo, você, quando vai encontrar alguém, que fala daquilo que ele faz e seja a profissão que for, mas ele fala com paixão, te empolga também, imagina alguns alunos em uma sala de aula com professores que odeiam o que fazem, e os alunos percebem então um professor pesquisador, ele já tem o desejo com ele, isso já é um ponto a mais, é por aí que deve ser o professor pesquisador da Educação Básica, ter esta vontade, este desejo, esta aparência que sempre se está lendo, sempre procurando coisas novas, sempre, estou aqui, com esta coisa nova para mim “Pesquisa educacional baseada em artes”, uma obra que eu trouxe lá da ANPAP, estou levando para minhas aulas de PPA, entende, é isso, jamais vou ficar estagnada numa coisa sempre repetindo a mesma aula, não consigo. Eu acho que é essa a energia que se tem, sente, eu conheço muito professor assim, pesquisador.*

Respondendo a minha pergunta, a professora confirma que há diferença em um professor que é pesquisador e outro que não é, e que o próprio professor pesquisador nos dá outra perspectiva de ensino, fomentando interesses nos alunos que estão com ele.

Ao avaliar a trajetória percorrida, buscando valorizar o já construído e detectar as fragilidades de nossas intervenções, nos deparamos com questões não equacionadas. E a professora da escola básica? Seria ela apenas uma consumidora passiva do conhecimento produzido pelos pesquisadores acadêmicos? Não lhe deveria caber a parceria na construção da mudança que desejamos ver implantado no interior da escola? E se defendemos que ao seu aluno seja garantida a condição de produtor de conhecimento, não seria uma incoerência não garantir o mesmo estatuto à professora? Não seria o fato de se sentirem negadas um dos motivos seja da resistência, seja do conformismo das professoras diante das novas propostas que lhes são apresentadas? (ESTEBAN; ZACCUR, 2002, p.12-13).

Outra análise que percebemos nesta resposta, é que o professor pesquisador nunca está satisfeito, sempre busca mais e enquanto busca, diferentes formas de conhecimento sobre algo que já se sabe e também novas leituras, novas pesquisas acontecem a partir de sua busca.

A) Pesquisador: No desenvolvimento de minha escrita, cito alguns momentos que a pesquisa fomenta o ensino em sua área, tanto para quem está fazendo pesquisa, quanto para os que estão envolvidos na área. Então, o que a pesquisa pode trazer de contribuições para o ensino de artes e quais são as suas possibilidades de pesquisa?

B) Professora Pesquisadora: *Eu penso que o ensino de artes desde a década de noventa deu um salto, a partir dali muitos cursos de pós-graduação, começaram a aparecer no Brasil, muitas pessoas começaram a fazer pós-graduação, a se formar, a ter títulos maiores, para ver ideias novas, pesquisas novas. Você vai hoje olhar o banco de dados de tese de artes e é bem legal, sempre muito movimento assim a própria produção artística e a produção em pesquisa acadêmica elas estão até em consonância, estão caminhando juntas; bem interessante. Muitos artistas fazendo pesquisa, entrando na academia, muitos professores fazendo produção artística então tendo uma mescla. Eu acho que o ensino de artes ganha muito com a pesquisa.*

E como estou dizendo, este livro que estou trazendo agora, coisas novas, então tem muita gente pensando. Neste evento que fiquei lá em agosto a Associação Nacional de Pesquisadores em Artes, na ANPAP, eram muitas pesquisas, diferentes falas, em artes, pensando em ensino, pensando em educação artística, então eram nossas referências todas lá andando de lá para cá. Eu tive a oportunidade de participar de uma mesa que era de ensino de artes onde levei meu texto. No outro dia fui para outra sala que é metodologia de pesquisa em artes também, então a vontade era de ir um pouquinho cada sala, mas não dá tempo, somos uma pessoa só não tem como, mas no ensino realmente, tem se desenvolvido bastante e a pesquisa em artes realmente está de ponta sim.

Sobre a pesquisa, professora Aurélia confirma que quanto mais tiver pesquisa mais terá fomento as diversas áreas de conhecimento. Quanto mais tem pesquisa na área mais ela se desenvolve gerando novas e novas pesquisas.

Voltando aos dados do CNPq: quando vi aquelas 19 bolsas, pensei “Será que valeu a pena investir dez anos de minha vida na luta para a formação da área de Artes, se depois de 20 anos a situação é idêntica à anterior?” Passei, então, a analisar os dados dos cursos. No começo desta exposição eu mencionei a USP como ilha solitária no cenário brasileiro dos cursos de Artes. Na época em que a demanda estourou no CNPq, Artes foi a área que mais enviou bolsistas para estudar no exterior com financiamento público. E o resultado está aí, se há vinte anos atrás contava-se nos dedos de uma mão os titulados de Artes, hoje se contam às dezenas os professores e pesquisadores com Mestrado e Doutorado. (ZAMBONI, 2005, p. 202).

A) Pesquisador: Nas aulas de Apreciação Estética (Disciplina da grade curricular matriz 04 da sexta fase do curso de Artes Visuais - Licenciatura) que tive com a professora Aurélia Regina de Souza Honorato, estudamos junto um pouco sobre as experiências como no texto de Jorge Larrosa Bondía (2002), a experiência, o sentir, sobre diversificados assuntos na arte. A partir desta concepção de experiência como é o olhar deste pesquisador?

B) Professora Pesquisadora: *Bom, na minha tese, experiência é uma das palavras chave, e eu, não consigo desvincular a pesquisa da experiência, mas não da experiência do experimento, fazer experiências com os outros, não, é de se ter, de ter a experiência, de me transformar pela experiência, então, o campo da arte principalmente, é repleto de possibilidades de experiência. Como exemplo, trabalhar com desenho, não sou desenhista, mas eu já desenhei muito, então eu comecei uma aula com eles falando sobre o desenho e sobre eles, e os desenhos deles, daí a maioria diz que não sabe desenhar, daí você começa a pensar, “está bem, mas, quando você tinha cinco anos de idade eu acho que todos vocês desenhavam, amavam desenhar”, todo mundo concordou, “é verdade, eu desenhava, todo mundo desenhava” mas como vocês não sabem ler nem escrever, vão para a escola chega lá a professora ensina a ler e escrever e o desenho vai ficando de lado, o desenho é uma expressão de vocês, e fui conversando com eles, então hoje a maioria desenha como desenhava quando tinha sete oito anos de idade.*

A) Pesquisador: Que é o normal.

B) Professora Pesquisadora: *É acaba sendo, não deveria, fiz uma dinâmica com eles utilizando o desenho, eles desenvolveram, gostaram muito e agora fazem narrativas sobre desenho, então é um jeito, de pensar o desenho não, só no fazer, não só no estar fazendo por fazer, é pensar, o desenho como uma linguagem, motivar eles a pensarem sobre isso e é nesse sentido a experiência*

acontece, é a experiência está nessa forma, de trazer as coisas, de deixar que eles participem. E você fazendo esse trabalho, deve estar sendo isso também de experiência, te transformando, queira ou não, vai ser outro pesquisador quando finalizar.

Sobre esta questão, a professora pesquisadora explica sobre a experiência e como ela acontece, o quanto é importante estar vinculado a experiência com a pesquisa e que é importante o professor de Artes possibilitar a experiência em suas atividades, não criando ou fazendo atividades desvinculadas uma das outras, mas trazer em sua metodologia o contexto sobre o que trabalharão, sempre buscando a subjetividade de cada aluno. Do mesmo modo, um professor pesquisador de Artes, também é importante que tenha a experiência, sobre as suas ações de pesquisa.

A primeira nota sobre o saber da experiência sublinha, então, sua qualidade existencial, isto é, sua relação com a existência, com a vida singular e concreta de um existente singular e concreto. A experiência e o saber que dela deriva são o que nos permite apropriar-nos de nossa própria vida. (BONDIA, 2002, p. 27).

Outra característica interessante desta questão é sobre o significado de experiência, que, muitas vezes confundimos experiência com experimento e que são palavras bastante distintas.

A segunda nota sobre o saber da experiência pretende evitar a confusão de experiência com experimento ou, se se quiser, limpar a palavra *experiência* de suas contaminações empíricas e experimentais, de suas conotações metodológicas e metodologizantes. Se o experimento é genérico, a experiência é singular. Se a lógica do experimento produz acordo, consenso ou homogeneidade entre os sujeitos, a lógica da experiência produz diferença, heterogeneidade e pluralidade. [...] Se o experimento é repetível, a experiência é irrepetível, sempre há algo como a primeira vez. Se o experimento é repetível, a experiência tem sempre uma dimensão de incerteza que não pode ser reduzida. (BONDIA, 2002, p.28).

A) Pesquisador: Ainda nessa linha de discussão, tive a oportunidade de estudar a tese da professora Aurélia Honorato defendida em (2015) que trata sobre “Trajetórias cartográficas na formação de professores e professoras de artes: espaços do possível”. Na escrita da professora, percebo o quanto é importante as palavras experiência e sensível que o sujeito tem com a arte. Um professor pesquisador de artes de Educação Básica e também em uma Universidade é um sujeito sensível e a experiência faz parte de sua pesquisa?

B) Professora Pesquisadora: *A palavra sensível no meu trabalho, não tem muito a relação com sensibilidade. Sensível como parte da experiência estética, o sensível pra mim é na verdade algo singular, que acontece com as pessoas, quando elas tem a experiência então, se estou diante de um quadro, na obra e aquela obra me move, entre a obra e eu, existe isso que eu chamo de sensível e esta coisa, que me move, me afeta, que me faz fazer pensar, que me faz criar, talvez não no momento mas depois, quando assisto um filme, quando enfim ouço uma música, é essa coisa, singular, acontece com cada um e a gente não sabe, como acontece, a intensidade que acontece. E este sensível para mim acontece na experiência estética, na relação com a arte, com a literatura. Na minha tese falo disso, mas às vezes eu paro para pensar, que de repente alguém, que ame resolver problemas de matemática e quando consegue, talvez também tenha está experiência é uma possibilidade, ou um inventor que consegue a mistura específica. Mas daí eu não vou poder falar, porque não é na minha área, mas acredito que tenha uma semelhança, de dar esta sensação, eu falo mais de sensação e sensível, do que de sentimento ou de sensibilidade, eu não uso muito estes termos. É sensível e sensação.*

Vinculada está questão com a anterior a palavra sensível está ligada com a palavra experiência e que estas palavras são um potencial no ensino das artes, um potencial na própria arte.

Um professor pesquisador de artes deve criar oportunidades em suas aulas para que o aluno mostre sua subjetividade e mais, que a explore, se conhecendo cada vez mais.

Aquilo que aí se denomina estética da sensibilidade tem uma clara intenção de matizar os efeitos, na formação, no indivíduo e na cultura, dos excessos da racionalidade instrumental. A valorização da diversidade vem a par com o que foi caracterizado como ética da identidade, voltada para a crítica dos valores abstratos da racionalidade instrumental moderna. É possível mostrar que tais ideias relevam dos pressupostos modernos, iluministas, de autonomia e emancipação. (FAVARETTO, 2010, p. 228).

A) Pesquisador: Nas aulas da professora de artes na Educação Básica, a professora nos cita em sua tese que as chama de *aula-desafio* e que a partir destas aulas os alunos são provocados, buscando as diferenças e os

estranhamentos. Essas ações que um professor pode propor para os alunos contribuem e/ou possibilitam a pesquisa em arte?

B) Professora Pesquisadora: *Toda sala de aula, é um campo rico para a pesquisa em arte e este professor que está atento ou mergulhado nas aulas, nas turmas, tem muita coisa para pesquisar em sala de aula, eu penso que em todos os níveis de ensino. Eu chamo de aula-desafio por si mesmo, eu tenho meu plano de aula, mas o meu plano não é fechado. Posso ter planejado que os alunos fossem ler um texto, mas eu chego lá e eu sinto que não vai acontecer então eu mudo, então por isso é aula desafio não só para eles, é para mim também, tem que ser e eu às vezes penso comigo mesma, eu acho que é a experiência minha, a experiência de trabalho que me dá segurança de fazer essa ação. Sempre tive um olhar mais amplo mesmo para a aula, para sala de aula, porque como elas vão acontecendo, elas vão se construindo em mim e eu parto desta construção.*

Uma coisa que eu sempre neguei é a palavra domínio, dominar a turma, acredito que é conquista, que é partilha. Na última aula a porta estava fechada então, eu entrei todo mundo cantou parabéns para mim, não era meu aniversário e nada, mas eu escutei, cantaram os parabéns para mim, então disse, obrigada e me sentei, eu vi que a mesa do professor não era aquela que estava na frente da turma, eles tinham tirado a mesa e colocado em outro lugar, percebi e não disse nada, coloquei meu material e comecei a aula. Passaram dez minutos e um aluno me disse: “A professora não percebeu nada?” Então respondi: “O que? Que você está com a minha mesa?! A eu adorei achei bem legal!” Daí com isso, eu desarme o aluno, então não surtiu o efeito que eles queriam, mas acontecem estas coisas com a gente.

Em relação a esta questão e nas relações com as referências que utilizei também nos meus estágios, em uma sala de aula, um professor atento e que na própria atividade ele encontra, conhece e divide com seus alunos, possibilita um campo, como disse a professora, rico para a pesquisa.

As questões apontadas por Souriau estão em jogo quando o/a pesquisador/a produz e/ou quanto utiliza imagens existentes; quando o/a pesquisador/a elabora sua análise individualmente, e/ou quando a constrói com seus colaboradores. Os efeitos da imagem – suas formas de persuadir, iludir, aludir, impactar – não são meras condições que o/a pesquisador/a escolhe considerar ou abandonar. Elas são parte e constituem o campo da

cultura, das redes sociais, dos afetos. Portanto, elas atrelam a pesquisa às vivências cotidianas de ambos – pesquisadores e colaboradores – interferindo e impactando em suas maneiras de ver, sentir, significar e interagir com o mundo, com si mesmo e com os outros. (TOURINHO, 2012, p. 248).

Além de que, o professor que abre possibilidades de pesquisa em qualquer lugar, não sendo somente em universidade, podendo ser em escola ou em outro ambiente ele está mais apto a olhar para os seus alunos, dialogar com eles e isto é uma possibilidade de pesquisa. Para diálogo sobre esta questão a este professor de artes, utilizo escritas de Patrícia de Cássia Pereira Porto do livro ‘Professora-pesquisadora: uma práxis em construção’:

Ainda na comunidade do Morro da Chumbada conheci Raquel, 16 anos – empregada doméstica. Raquel abandonou os bancos escolares aos 7 anos de idade, quando estava sendo alfabetizada numa escola pública [...] Curiosa, ao perceber que Raquel sabia ler e escrever com certa desenvoltura, perguntei-lhe se esse *conhecimento* era ainda resultado daquele período na escola. Raquel deu como resposta uma *risada sonora*: aprendi a ler “brincando de escolinha” com a meninas aqui mesmo, do morro [...] Novamente a risada deslavada de quem tinha feito uma travessura *danada de boa*. E ouvindo aquele riso frouxo, pude imaginar os *dribles e rasteiras* que Raquel, certamente, precisou dar na acomodação do *não-saber* ou do *ainda não saber* [...] Escrevia versos rimados num diário rosa com fechadura. Tenho vergonha de mostrar tem muito erro de português. E ria ainda mais. Como será que a escola [...] reagiria ao riso de Raquel? Tomaria aquela expressão como registro de autonomia, ou como deboche evasivo? [...] Qual é a atitude da escola em relação ao riso? Em relação ao lúdico? Em relação ao espontâneo? [...] Ao perguntar-lhe sobre a importância da escola, Raquel respondeu: É tudo na vida da gente. Eu queria voltar a terminar meus estudos. Percebemos, então, que a menina não quis *zombar* da escola e de seu papel fundamental na formação do indivíduo [...] Raquel estava apenas sendo natural, *espontânea*. [...] Raquel contradiz a pedagogia tradicional, detentora de toda forma de saber; feita de currículos fechados e acabados [...] Foi preciso ouvir as vozes que viviam além de mim para que eu pudesse, enfim, mergulhar nas histórias de Raquel e Gracielle. Pela primeira vez, eu realmente assumia o papel, acredito que definitivo, de professora-pesquisadora, capaz de teorizar sobre minha prática. [...] pude sair do meu individualismo, deixei de olhar para o meu próprio umbigo para aprender a olhar o que me rodeia. Não como um olhar vislumbrado diante do *falso-novo*, mas com um olhar ideológico, de quem assume um posicionamento político e social diante do que vê. (ESTEBAN; ZACCUR, 2002, p. 96-99).

Pesquisar como uma forma de tentar conhecer um pouco o outro, sobre sua história de vida, sobre a sua realidade social. Poder pesquisar ainda mais, pesquisar e entender, a relação entre o sujeito e o conhecimento e as suas diferentes formas de acontecer, como no exemplo, da menina que foi alfabetizada brincando.

A) Pesquisador: Pensando especificamente no professor pesquisador de uma Universidade, ele é a possibilidade de produzir projetos de pesquisa para as áreas de seu conhecimento e também pode ser o mais próximo a envolver o acadêmico em uma pesquisa. A professora acredita que todas as pesquisas contribuem para o ensino? Que todos os projetos de pesquisa em uma instituição universitária, estão voltados para o ensino de qualidade?

B) Professora Pesquisadora: *Olhando alguns anais do evento da ANPAP, por mais singulares que sejam as pesquisas e por mais simples que sejam as questões de pesquisa, têm um potencial muito importante e projetos de pesquisa, só o fato do aluno não ficar na experiência dele na universidade, de ter só a sala de aula já ajudou, ele vai ser outra pessoa, nas relações, na escrita, na compreensão do próprio mundo, a pesquisa é magnífica, eu acho que não dá pra dizer tudo, o todo pra mim é muito grande mas, as pesquisas, contribuem, com certeza e o ensino de qualidade na verdade vai depender de cada profissional, é claro que a gente é um sistema e estamos à mercê de muitas coisas, a escola minha lá, eu não consigo fazer metade do que eu gostaria pelos impasses mesmo, eu quero levar o aluno pra visitar aqui a mostra coletiva, não dá porque tenho quatro aulas por dia com quatro turmas separadamente.*

Sobre a resposta desta questão consigo relacionar com alguns escritos de Maurice Tardif como a qualidade profissional e sobre o sistema universitário, e também recebi uma resposta positiva, no sentido de falar além da universidade, de falar também em espaços escolares, da política em um contexto geral.

A crise do profissionalismo aponta também para a crise do poder profissional e para a confiança que o público e os clientes depositam nele. É preciso entender, aqui, o termo “poder” tanto no sentido político quanto no sentido de capacidade ou competência. Por um lado, no sentido político, o poder profissional parece, com demasiada frequência, estar servindo muito mais aos interesses dos profissionais do que aos interesses de seus clientes e do público em geral. Por outro lado, se pensarmos em termos de capacidade, o poder profissional perde tanto quanto ganha, quando ganha, seus êxitos são muitas vezes ambíguos e portadores de efeitos imprevistos e às vezes perversos. (TARDIF, 2002, p. 252).

A) Pesquisador: Silvio Zamboni (1998, 2005) é um dos fundadores da ANPAP (Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas), onde criou

este grupo por algumas questões que ele e algumas pessoas tinham desde quando trabalhavam no CNPq (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico). Pensando a partir do grupo da ANPAP, quais as possibilidades, os caminhos de um professor pesquisador em artes podem ingressar e quais podem ser suas contribuições para a comunidade?

B) Professora Pesquisadora: *É o que eu estava pensando, cada vez mais, os acadêmicos têm a oportunidade de ingressar nos seus estudos, porque antes a gente fazia graduação e o máximo que a gente almejava era uma especialização, primeiro no meu caso era que em 1987 não tinha curso de especialização aqui, era só Porto Alegre, São Paulo, era só. Aí veio para cá, todos os professores do curso de Artes fizeram, porque ninguém era especialista, todos fizemos aquela tal especialização, porque, os professores vinham da UFSC para cá, dar aula para nós, era assim, era um “pacote”, e tudo isto está nesta história, quando eu li está história que Silvio Zamboni conta, eu me vi ali, mas pensar num mestrado, em um doutorado nossa, era uma coisa muito distante. Fora que, tinham todas as outras questões, que era que tinha uma família, filho pequeno e tal. Eu fiz em 1987 a especialização e em 2007 fui fazer o mestrado, olha o tempo que fiz o mestrado, depois em 2015 que eu fiz o doutorado, demorou também, mas também porque são projetos e é mergulho, mas hoje eu vejo que você já tem outra cabeça, isso é fruto desse trabalho do Silvio aqui. Está bem diferente, os acadêmicos hoje se graduam no ano anterior e já vão para o mestrado, já vão para a pesquisa, a isso é muito bom, então eu vejo que, o pesquisador em artes ele tem uma contribuição importantíssima, se o ensino da arte é potente imagina o pesquisador em artes, olha a diferença que vai fazer, já está fazendo.*

A resposta das contribuições destes pesquisadores para a comunidade, é nítida quando a professora pesquisadora cita que cada vez mais a procura destes pesquisadores por campos, que os movem a entender as diferentes áreas da pesquisa. É a própria história de como ocorreu o desenvolvimento da pesquisa em artes que Silvio Zamboni cita e qual é o resultado que Silvio vê a partir de muitos anos de luta.

Tomemos um montante de trabalhos apresentados nos encontros anuais da ANPAP. No primeiro encontro daquela época histórica em que se fundou a ANPAP, em 1988 [...] foram 38 apresentações. Em 1996, o número já havia

dobrado: foi para 80. Em 1999, já havia aumentado para 86 comunicações. É inegável que a pesquisa em Artes cresceu e vem crescendo nessas duas últimas décadas. (ZAMBONI, 2005, p.202-203).

A) Pesquisador: Diante de tantas pesquisas e de diversas áreas que temos em nossa sociedade (CNPq é um exemplo). Será que todas as pesquisas visam o desenvolvimento da comunidade? E há conflito entre essas áreas do conhecimento?

B) Professora Pesquisadora: *Há conflito por conta do valor, porque tem que ser fomento, para estudar é importante ter uma bolsa pra poder estudar, ter tranquilidade para os estudos, eu consegui uma bolsa por quatro anos do FUMDES, mas o conflito existe, existe luta. Em pesquisa em educação a gente vê o resultado acontecendo, não é uma resposta única, digamos se faz uma pesquisa o trabalho vai se desenvolvendo. Mas esta questão aqui, estes conflitos vão acontecer sempre que mais pesquisadores atuarem com mais força na área de arte, buscando mais respostas. Hoje está melhor, já foi muito pior, bem desanimador na verdade, hoje as áreas já se abraçam, as pesquisas em arte elas já são abraçadas, por exemplo, o curso de doutorado de Literatura da UFSC, abraça pesquisas em Artes Visuais, o curso de Ciências da Linguagem da UNISUL, abraça pesquisa em artes [...]*

É porque as pessoas vão migrando, de um curso a outro, tem professores de artes, doutores que orientam a pesquisa tem que ser, os orientadores de pesquisa, então está bem mais multidisciplinar, digamos assim.

A resposta obtida vem dialogar com o autor Silvio Zamboni, em que percebemos que a sociedade que vivemos, dá mais valor, para as ciências exatas, enquanto que as humanas não têm o mesmo potencial:

Para ilustrar um pouco a questão, vejamos como se dividiam os recursos para pesquisa, no CNPq, no ano de 2002. Para as ciências exatas, inclusas Física, Matemática e Química, foi destinado um percentual de 10% do bolo. As engenharias ficaram com 13%, ciências agrárias com 9,7%. A área da saúde inclusas Medicina, Odontologia, Parasitologia recebeu 5,56%. As Ciências Biológicas abocanharam 14,26%, divididos por suas diversas especialidades. As Ciências Sociais, área bastante grande, em que está inclusa Educação, ficaram com 14,65%. As Ciências Humanas ficaram com 5,69%. É nessa área que estão as Artes. Para todas as sub-áreas foi destinado, 0,92%. Esse 0,92 seria repartido entre Artes Visuais, Música e Artes Cênicas. (ZAMBONI, 2005, p. 201).

A) Pesquisador: Uma das questões, talvez a mais fundamental para o desenvolvimento de meu TCC é o professor pesquisador de artes na Escola e na Universidade. Como a professora se vê atuando em ambas? E quais os desafios e contribuições a professora pode relatar?

B) Professora Pesquisadora: *Quando voltei, eu não queria voltar, porque era de outra escola, não era daquela, quando a gente sai de licença nós perdemos, eu tinha duas opções, conversei com um e com outro, escolhi, dez horas, estranhei muito, não estava mais habituada, aula de quarenta minutos, é muito pequena a aula, não tem o equipamento na sala de aula, tipo de Data Show, tinha que reservar, tudo tem que levar, andar com uma mala, é muita coisa, então estranhei muito esta dinâmica. No ano seguinte recomecei e comecei a gostar, me senti bem, me senti na escola, e não como uma estrangeira, e então mais devagar hoje já estou tranquila, já estou dando mais contribuições, mas eu sempre me desafio, sempre porque eu tenho desejo de fazer pesquisa. Fazer um trabalho de qualidade que valorize a área, eu sempre peço para que eles façam Artes Visuais, estou chamando eles pra vir pra cá e também mostrar assim como está nos parâmetros curriculares, nas DCN's que o campo da arte envolve, todos os outros campos e desmistificar essa ideia de que a arte é só o desenho e a pintura, que a maioria na escola pensa, a "aula de arte não sei desenhar, pronto não vou fazer nada", é assim que eles pensam, então, meu trabalho eu faço assim, eu sou muito eu na sala de aula conto muitas coisas, eu entro muito nas histórias deles, eu tento conviver na verdade com eles não só uma professora que vai lá e dá uma atividade, além do que atividades assim são poucas, eu converso muito com eles eu peço pra eles trazerem as ideias, também, interesses que a gente tem. Então na verdade, são esses os desafios mesmo, do material e o de se entregar, em muitos espaços não adequados.*

A) Pesquisador: como se vivêssemos em um mundo e quando vamos para a escola, é outro mundo.

B) Professora Pesquisadora: *É, é outro mundo, mas eles são muito amáveis, são muito queridos os alunos, lindos, nossa, cada aluno lindo cada aluna bonita! Alegres, são gente boa eu gosto muito deles, e na universidade o desafio aqui de trabalhar, é a perspectiva do profissional, esse compromisso que a gente tem, na formação de vocês como profissionais, que vão para a escola trabalhar*

nesses alunos, que tem estes desafios da escola. O desafio aqui também, eu penso, é mostrar para vocês, tentar mostrar uma realidade, e não mascarar, eu não vejo que o curso tenta cegar vocês e mostrar que lá fora é um lugar lindo e maravilhoso, não é, eu acho que o estágio é algo bacana, que vocês vão para a escola, sentem um pouco do desafio e hoje o desafio grande aqui que eu vejo como coordenadora inclusive é, manter o aluno na universidade, com as dificuldades todas que estão por aí, as crises políticas, econômicas e as pessoas tem preconceito com relação a área, acham que fazendo Direito, mesmo pagando mais caro acham que vão ser mais ricas, mas a realidade não é essa. A realidade é que tu vais ser rico quando tu gostas do que tu fazes mesmo ganhando um salário mínimo. Mas eu penso nas dificuldades, muito preconceito, eu estou orientando uma acadêmica, por exemplo, o trabalho dela, é de luta, é de ela estar no curso por conta de ela querer, porque se fosse pelo marido, se fosse pelo pai, já tinha saído já estava fazendo outra coisa, mas é desejo de fazer, então essas possibilidades também acontecem nessa área profissional, na formação do professor, tem muitos alunos que vem para cá achando que vão aprender a pintar e a desenhar. É uma profissão, não dá e o preconceito na área das artes ainda existe e como eu disse, essa mudança vai acontecendo como na pesquisa, não é igual um experimento que se resolveu ali na hora, pesquisa de arte é: eu estou trabalhando na formação de vocês e pode ser que o resultado apareça daqui dez anos; podem ter mudado, por conta deste trabalho hoje que estamos fazendo aqui, é nesta perspectiva.

Está entrevista, foi como um complemento de minha pesquisa bibliográfica, além da pesquisa a entrevista ampliou meu olhar, me possibilitando pensar sobre a pesquisa que podemos fazer em artes e as questões que rodeiam meu trabalho de conclusão de curso

A partir desta entrevista penso em fazer um projeto de curso onde desenvolvamos produções artísticas pensando em nossas metodologias e que a partir delas façamos pesquisas para encontrarmos novas formas de pensar a mesma questão, ou até mesmo buscarmos outras respostas.

Coloco como obra para estudo tropicalia de Hélio Oiticica sendo que vivenciei esta obra na bienal da mercosul, no ano de 2015, então ela é importante para mim, acredito que tive experiência e com isto tento levar algo que é relevante para mim tentando apresenta-los a possibilidade de contemplação da obra.

7 PROJETO DE CURSO

TÍTULO: Processos de um professor pesquisador.

EMENTA

Processo de pesquisa; professor artista; professor pesquisador; processo híbrido; arte contemporânea.

CARGA HORÁRIA: 8 horas.

PÚBLICO- ALVO: Professores de Artes das escolas de Educação Básica.

JUSTIFICATIVA

Sempre estamos discutindo em uma prática escolar que o professor de artes deve desenvolver aulas que sejam significativas para os alunos. Também discutimos sobre as práticas do professor de artes, o professor artista e o professor que sempre analisa a sua prática e suas metodologias.

Por isso, desenvolvo em meu projeto de curso, dialogando com meu trabalho de conclusão de curso, uma oficina que terá dois encontros. Nesta oficina, os professores terão a oportunidade de desenvolver um trabalho artístico que lhes possibilitem experiências estéticas. “É tarefa dos cursos de formação dirigidos a professores de arte enriquecer o universo cultural e artístico do professor, formando-o em arte e educação segundo as mais avançadas concepções de arte e ensino de arte” (IAVELBERG, 2003, p. 63).

Neste processo os professores terão a oportunidade de desenvolverem seus trabalhos a partir dos seus planos de aula e/ou obras de artes que os mesmos desenvolveram.

Aqui, possibilitarei que a experiência aconteça de uma forma reflexiva e que principalmente, cada professor busque analisar seus planos de aula, suas práticas e as atividades que propõem para seus alunos.

Portanto, é necessário que o professor conheça diversos procedimentos em arte para poder ensiná-los aos alunos. Procedimentos de pintura, desenho, gravura, utilização de *softwares* e modelagens são alguns exemplos de conteúdo procedimentais que

devem ser dominados por professores de artes visuais. (IAVELBER, 2003, p. 28).

Neste sentido, minha intenção é que, este professor de artes que desenvolve suas aulas, faça pesquisas e que tenha um diálogo mais fluente com os seus alunos, neste momento, nesta oficina, não será possível por ela acontecer somente para os professores, mas, que tenham um olhar mais crítico sobre suas práxis em sala de aula e também como professor.

[...] ensinar-e-pesquisador, de modo criativo-inventivo-artístico, nas trilhas já traçadas, nos territórios aceitos, nas lógicas estabelecidas, nas epistemologias consagradas, nos sentidos fixados, nos desenhos já desenhados. Nessas circunscrições – demarcadas pelos tempos-espacos modernos e também pós-modernos -, artistagem vivenciada como um desfazer permanente das verdades, condutas, poderes, saberes, subjetividades educacionais. (ESTEBAN & ZACCUR, 2002, p.67).

Para que haja o desenvolvimento significativo das suas produções com a pesquisa que os professores já fizeram, fazem e irão fazer, irei propor dois momentos em minha oficina. Ela será dividida em dois dias, o primeiro dia acontecerá uma breve explanação sobre o professor pesquisador e o segundo o desenvolvimento das suas obras.

Os encontros acontecerão em dois fins de semana, haverá este tempo para que, se desejar o professor possa fazer mais pesquisas e pensando também nos professores que trabalham durante a semana e que conciliem com mais tranquilidade as suas aulas com a oficina, desenvolvendo a oficina no fim de semana e trabalhando como professor de artes durante a semana.

Principalmente, penso, que o professor após a sua vivencia na oficina seja mais reflexivo em suas práticas escolares, que conceitualizem e desenvolvam seus planos pensando sempre no desenvolvimento do aluno como sujeito ativo nas suas aulas.

A aprendizagem é um processo complexo, não-linear, com idas e vindas. É preciso saber avaliar em vez de controlar as aprendizagens dos alunos. É preciso também que esse professor esteja consciente de que nem toda atividade que ele planeja transformasse necessariamente em aprendizagem. A orientação do processo é sua tarefa. Cada aluno pode desenvolver suas estratégias pessoais (diferentes das dos colegas) para aprender um mesmo conteúdo, e o professor, ao acolher essas diferenças, pode elucidar a diversidade de estratégias e sua adequação ou não ao trabalho em curso. (IAVELBERG, 2003, p.63).

Para desenvolvermos está oficina, como referência escolhi o artista Hélio Oiticica (1937 – 1980) e a obra Tropicália “A pureza é mito” (1967), onde nesta obra, o artista mostra a sua experiência de viver nas favelas do Rio de Janeiro. O artista não foi como um sociólogo, mas sim, como uma pessoa que foi viver lá, entender como eram as suas vidas.

Figura 6 - Tropicália de Hélio Oiticica - 1967.



Fonte: Disponível em:< <http://m.diariogaucha.com.br/noticias/noticias/a4911766>>. Acesso: 07/12/2015.

Quando vivenciamos sua obra, andamos sobre ela e vemos os PN's 1 e 2 além das areias, as plantas tropicais, a brita e as araras, vivenciamos como se vivessemos em um lugar tropical com a intervenção do homem.

Essa obra crítica, a época que o Brasil estava vivendo na época de 1962, como por exemplo, a bossa nova de João Gilberto, Tom Jobim e Vinícius de Moraes sendo que ela mostra um pouco das favelas do Rio de Janeiro e que é percebido pelos Penetráveis¹⁵ que é outra obra do artista.

¹⁵ Penetráveis é um termo utilizado pelo artista Hélio Oiticica, ela é uma instalação que o artista utiliza em várias obras, em uma delas na Tropicália. Não é uma obra de arte para ser apenas observada, sua proposta é ser vivenciada. O artista tem a intenção de mostrar aos espectadores um pouco da experiência que ele teve em viver no morro da Mangueira, utilizando as cores e a forma dos PN (Penetráveis) é um pouco do retrato da favela em um ambiente tropical que existe no Rio de Janeiro.

Trago este artista e obra, para mostrar a força da pesquisa que podemos ter quando realizamos com o intuito de entendermos o novo, o que não conhecemos e o que buscamos de uma forma mais clara. Neste caso além desta característica o artista também possibilitou que as pessoas tivessem também, esta sensação, que temos quando visitamos a Tropicália.

OBJETIVOS

Geral:

Desenvolver a partir das suas pesquisas uma produção artística refletindo sobre a metodologia de ensino de artes.

Específicos:

- a) conhecer ou reconhecer a obra Tropicália e o artista Hélio Oiticica;
- b) pesquisar sobre a arte contemporânea;
- c) desenvolver uma produção de arte a partir de suas pesquisas podendo utilizar uma ou diversas linguagens da arte;
- d) analisar este processo como uma forma de pensar a sua atuação como professor de artes nas escolas de Educação Básica.

METODOLOGIA

Primeiro encontro da oficina: das 08h00m às 12h00m

Iniciaremos a oficina com as apresentações, convidando cada participante a se apresentar e nomear os municípios que dão aula, sobre o que pensam da arte e da arte contemporânea.

Após as apresentações iniciais, darei segmento a oficina esclarecendo o que significa ser um professor pesquisador vinculado a pesquisa e ao ensino.

Assim, utilizando o data show, explicarei de forma breve o artista Hélio Oiticica sua biografia e a obra Tropicália, como foi o seu processo de criação suas composições, os penetráveis que estão sobre as obras podendo interferir na instalação, caminhando sobre ela, utilizando nossos sentidos como o olfato, tato, audição e visão.

Apresentando então sua obra e explicando os conceitos que Hélio Oiticica teve e como ele a conceitualizou, convidarei para que façamos uma pesquisa na biblioteca. Solicitarei para que pensem na obra do artista para suas metodologias em sala de aula, e que façam um comparativo com o que o artista quis propor para o público e o que nós professores propomos para nossa turma, nossos fundamentos, nossas intenções.

Então na biblioteca da UNESCO os professores irão fazer pesquisas sobre a arte contemporânea, pesquisar sobre os artistas regionais e locais, e principalmente pensar em suas metodologias. Por exemplo, um professor que já trabalhou com a fotografia, pesquisar artistas que trabalham com fotografia tentando conciliar sua metodologia com obras que trabalharam com a linguagem fotográfica.

Ficarão até o fim deste dia fazendo pesquisas, escrevendo se desejarem sobre as diversas técnicas e diversos artistas que encontrarem. Pedirei que, façam as pesquisas pensando em suas metodologias, pensando no que os seus alunos praticam e nas suas atividades.

Suas ideias serão o desenvolvimento de uma obra, da linguagem que desejar, podendo utilizar mais de uma linguagem hibridizando a partir de suas criações.

Segundo encontro da oficina: das 08h00m às 12h00m

No início do segundo encontro pedirei para que produzam as suas obras. Iniciaremos este encontro na praça, próximo nos blocos dos ateliês de artes. Minha fala inicial será para que se sintam à vontade, disponibilizando a eles todos os ateliês da UNESCO, como o ateliê de pintura, de escultura, de gravura, serigrafia, sala de teatro, estúdio de fotografia e se desejarem uma sala do bloco XXI C onde tem o software Illustrator.

Em cada espaço disponibilizarei materiais para o desenvolvimento de suas obras, no ateliê de pintura telas e tinta acrílica, no de escultura argilas, na de

gravura e serigrafia, telas para serigrafia, papel canson de tamanho A4, tintas para serigrafia de diversas cores, goivas para xilogravura, tinta óleo xilogravura, madeiras MDF, em tamanho A4, rolo para gravura.

Nos ateliês de fotografia disponibilizarei duas câmeras Canon profissionais, dois tripés, e os kits de iluminação que temos dispostos no estúdio fotográfico da UNESCO. Além do que disponibilizarei, irei deixar aberto para trazerem materiais que desejarem para o desenvolvimento de suas produções.

Após a conclusão de suas obras iremos fazer um momento de apreciação, a previsão para este acontecimento é as 11h30m. Cada um levará suas obras no ateliê Z4, ou colocarão se for, alguma obra digital, em seus e-mails para abrirem na sala e mostrarem no Datashow.

Cada um irá apresentar sua obra e como se sentiu criando, as dificuldades que encontraram e procurar perceber se encontraram alguma dificuldade em desenvolver as obras fazendo pesquisa e pensando em suas metodologias.

Após o momento de apreciação iremos discutir um pouco sobre nossa pesquisa, sobre o que estudamos no último encontro e pensamos a partir de suas experiências que tivemos como professores e estudiosos da arte. Sobre esta última discussão concluiremos a oficina que foi proposta.¹⁶

REFERÊNCIAS

ESTEBAN, Maria Teresa; ZACCUR, Edwiges. **Professora-pesquisadora: uma práxis em construção**. Rio de Janeiro: DP&A, 2002, p. 125.

IABELBERG, Rosa. **Para gostar de aprender arte: sala de aula e formação de professores**. Porto Alegre: Artmed, 2003, p.126.

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS - A PESQUISA QUE NUNCA TERMINA

Procurei, transitando em minha escrita, em minhas leituras, em minhas vivências da arte conceituar o quão importante é o desenvolvimento da pesquisa independente da área que você ocupa.

Apesar de não ter um conhecimento profundo sobre o estudo cartográfico e de não trabalhar especificamente sobre o caminho da cartográfica em meu TCC, percebo que é uma possibilidade da pesquisa em arte, pois, tive o privilégio de vivenciá-lo coma professora pesquisadora entrevistada, e justamente por vivenciar este formato de abordagem tão de perto que acabou influenciando positivamente meu processo de estudo, tanto reflexivo quanto na escrita após escuta e leitura da entrevista.

Quando trato da pesquisa, penso em um desenvolvimento contínuo com a sua prática, quando trato da pesquisa docente, então, penso em um desenvolvimento contínuo com a sua metodologia, pensar a sua prática pedagógica.

Escrevo em meu capítulo três, uma escrita que trate especificamente sobre a arte de uma forma geral e a arte contemporânea. Porque a partir dos conhecimentos que temos com a arte e o mundo desenvolvemos pesquisas a partir de nossas necessidades.

Procurei neste capítulo, ter um vínculo do capítulo cinco, ter um olhar atento e delicado, ao leitor que analisa o nosso mundo, o mundo da arte, principalmente a arte contemporânea e com esta leitura, consiga perceber as falas de Silvio Zamboni. Quando ele diz que um pesquisador em artes pode encontrar diversas áreas dentro da arte: curadoria crítica da arte, estética, história da arte entre muitas outras. E também fora da arte, quando a Proa. Dra. Aurélia Regina de Souza Honorato, nos contempla em sua fala, das áreas multidisciplinares.

Exemplo disto foi à própria tese que a professora pesquisadora elaborou, que tratou sobre a formação de professores e professoras de artes nos espaços do possível, e que entrava no campo das Ciências da Linguagem.

Esta pesquisa é riquíssima, principalmente, quando alguém com uma visão linear, não consegue identificar a possibilidade que uma área pode interlaçar na outra e vice-versa e posso estar incluso nesta visão, que a leitura e a pesquisa, faz em nós ampliar nosso horizonte. É como na escola, aquela visão antiga de que as matérias estão divididas e que o aluno deva aprender uma matéria por vez

dividindo-o em partes.

Será que é possível dividirmos os alunos, como se cortássemos em partes? Não, não somos assim, claramente, para minha felicidade, recebo uma resposta e um aprendizado nas minhas escritas e análises de que o aluno é um sujeito, que o aluno que está em todo momento em todas as disciplinas, os mesmos alunos da professora de geografia da escola que eu atuo, também são meus alunos, por exemplo.

Acredito neste ponto que a própria metodologia se altere, que devamos ainda caminhar muito para que enquanto acadêmicos na academia, tenhamos o contato com outras disciplinas e que aprendamos que para ocorrer à interdisciplinaridade teremos que ter mais independência e autonomia sobre conhecimento que devemos ter sobre o nosso curso, mas, principalmente o respeito com o próximo, nos entregando a ensinar e a aprender com os outros e conosco.

Creio então, que a pesquisa será de fundamental instrumento para o desenvolvimento destas metodologias que irão vir que já estão sendo estudadas, que já estão sendo pesquisadas.

Outra característica que encontramos na pesquisa é o quanto é importante gostar do que está fazendo, não importa o que sou para eu pesquisar, o que importa, é que o professor pesquisador deve amar o que faz, deve entender que tudo que ele está fazendo, é para ele, que ele não consegue ficar longe da sua pesquisa da sua prática, sempre busca, sempre atua.

Se como profissionais não somos éticos, não gostamos de nossas práticas, somos infelizes, somos irresponsáveis, não será a partir da pesquisa que seremos éticos, felizes, responsáveis. Podemos melhorar, mas a pesquisa em si não sobreviverá no pesquisador, à pesquisa não é independente do pesquisador.

Sobre a pesquisa também entendo que iremos encontrar muitos desafios, dificuldades e que em algumas vezes iremos pensar em desistir, mas, quando temos uma vontade maior de pesquisar sobre o ensino de artes, sobre as artes e suas diferentes linguagens, nos dará força, para que tenhamos sempre uma pesquisa contínua e quanto mais maturidade, teremos mais convicção que a pesquisa está presente em nós e conseqüentemente mais segurança.

No quarto capítulo cito um pouco sobre a UNESCO, mas primeiramente tento mostrar quais eram quais eram as áreas de ensino que a sociedade se preocupava em estudar e como foi se transformando, quem tinha o poder sobre a

universidade, a revolução da sociedade e a luta para que ela tivesse em pró da comunidade.

Percorro todo esse trajeto, para ter um olhar mais generalizado e que vai afinando até eu completar o curso de Artes Visuais da UNESC, podendo o leitor assim analisar sobre a importância das cadeiras que o curso, as possibilidades de pesquisa e extensão e de como desenvolvemos nossas práticas acadêmicas, o quanto é importante parar e olhar de vez em quando para sempre nos ver como somos na universidade.

Por último trato de duas diferentes áreas que um professor pesquisador pode trabalhar, consigo ver mais, mas citei as que mais me chamam a atenção: escola e universidade. Trago nestes textos as importâncias da pesquisa e de como ela é desenvolvida no ensino das artes, que diferente de uma pesquisa que busca um resultado específico, a pesquisa em artes é processual ao contrário do experimento, é a experiência que podemos não ver em imediato, mas com o tempo.

Voltando para a minha questão primeira, relembro aqui, 'O professor pesquisador em artes: Desafios e contribuições', então, de tudo que lemos refletimos e pensamos juntos, quais são os desafios e contribuições que um professor em artes pode ter para a educação e para a sociedade.

Para responder esta questão relembramos as falas de Zamboni (2005) quando ele trata sobre o preconceito que a área tem comparando com as Ciências Exatas, e que é mais bem vista pela nossa sociedade do que o ensino das artes na verdade.

Neste aspecto cabe ao professor de artes, fazer um trabalho de qualidade, que busque, que faça pelo ensino, mostre para os alunos a mesma potencialidade que as artes tiveram em conquista-lo, de abrir os olhos, imaginar além, se respeitar como indivíduo, de conhecer as diferentes linguagens que a arte hoje pode propor, conhecer, criar, desenvolver as diferentes formas de se fazer as artes. De ver o outro sem preconceito, de ter a vontade de conhecer o novo, a nova cultura, de nos perceber, o quanto somos diferentes, únicos, subjetivos.

Graças a pesquisa bibliográfica e principalmente minha entrevista, pude perceber que o professor tem a possibilidade de atuar tanto na escola de Educação Básica quanto no ensino superior e que também o professor tem a possibilidade de fazer pesquisa em uma universidade ou em uma escola.

Quando a professora pesquisadora Aurélia traz que suas aulas tem um

outro movimento, que ela é próxima dos alunos, o amor que ela tem pelos alunos, a sua aula como desafio, como a professora própria denomina suas aulas, são respostas para mim que o professor tem sim possibilidade de trabalhar em escolas como pesquisas, todas essas atribuições são características que um professor pesquisador deve ter com suas práxis e conseqüentemente sua pesquisa em arte.

Apesar de todos estes pontos positivos, professora pesquisadora Aurélia também nos aponta as dificuldades de retornar para a escola de Educação Básica e dos desafios apresentados todos os dias. Quando assumirmos está postura de professores pesquisadores seremos mais fieis a nossos ideais.

As contribuições de um professor pesquisador de artes é analisar, estudar, aprofundar os conhecimentos em tudo que é potente na arte, e que, são inúmeras as possibilidades de pesquisa, estudos, reflexões e atuações no campo da arte e seu ensino.

REFERÊNCIAS

ARTES VISUAIS - LICENCIATURA (Criciúma). Fundação Educacional de Criciúma. Projeto Pedagógico do Curso de Graduação. 2014. Disponível em: <[http://www.unesc.net/portal/resources/files/42/ROTEIRO PPC - LICENCIATURA OFICIAL 01_09_2014.pdf](http://www.unesc.net/portal/resources/files/42/ROTEIRO_PPC_-_LICENCIATURA_OFICIAL_01_09_2014.pdf)>. Acesso em: 01 nov. 2015.

Brasil. **LDB**: Lei de diretrizes e bases da educação nacional [recurso eletrônico]: Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. – 9. ed. – Brasília: Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2014.

BONDIA, Jorge Larrosa. **Notas sobre a experiência e o saber de experiência**. Ver. Bras. Educ. [online]. 2002, n.19, p.20-38.

CONSELHO SUPERIOR DE ADMINISTRAÇÃO (Criciúma). Universidade do Extremo Sul Catarinense. Resolução n. 07/2014/csa. 2014. Disponível em: <<http://www.unesc.net/portal/resources/documentosoficiais/11435.pdf?1432225236>> . Acesso em: 01 nov. 2015.

CANTON, Katia. **Espaço e lugar**. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

COCCHIARALE, Fernando. **Quem tem medo da arte contemporânea?** Recife: Fundação Joaquim Nabuco: Massangana, 2006.

COELHO, Teixeira (Org.). **Coleção ITAÚ Contemporâneo: Arte no Brasil**. São Paulo: Olavo Egydio, 2006.

COLI, Jorge. **O que é arte**. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1987, p. 131.

DUNCUM, Paul. Por que a arte-educação precisa mudar e o que podemos fazer. In: MARTINS, Raimundo; TOURINHO, Irene (org.). **Educação da cultura visual: conceitos e contextos**. Santa Maria: Ed. da UFSM, 2011. (15-30)

ESTEBAN, Maria Teresa; ZACCUR, Edwiges. **Professora-pesquisadora: uma práxis em construção**. Rio de Janeiro: DP&A, 2002, p. 125.

FAVARETTO, Celso Fernando. Arte contemporânea e educação. **Revista ibero americana e educação**. Ed. 53, 2010, p. 225-235.

HONORATO, Aurélio Regina de Souza. **Trajetórias Cartográficas na formação de professores e professoras de Artes: Espaço do possível**. Tubarão, 2015, p.133.

IABELBERG, Rosa. **Para gostar de aprender arte: sala de aula e formação de professores**. Porto Alegre: Artmed, 2003, p.126.

LEITE, Maria Isabel. Educação e as Linguagens Artístico-Culturais: Processos de Apropriação/Fruição e de Produção/Criação. In: FRITZEN, Celdon; MOREIRA, Janine. **Educação e Arte: As Linguagens Artísticas na Formação Humana**.

Campinas: Papirus, 2005. Cap. 2, p. 27-36.

MORAIS, Frederico. **Artes plásticas: crise da hora atual**. Rio de Janeiro: Paz e Terra: 1975, p. 63.

ROLNIK, Suely. **Cartografia sentimental**: transformações contemporâneas do desejo. 2. ed.: Porto Alegre: Sulina; Ed. Da UFRGS, 2014.

SANTAELLA, Lucia. **Comunicação e pesquisa**: projetos para mestrado e doutorado. São Paulo, SP: Hackers Editores, 2001.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002, p.325.

TOURINHO, Irene. Imagens, pesquisa e educação: Questões éticas, estéticas e metodológicas. In: MARTINS, Raimundo; TOURINHO, Irene (Org.). **Cultura das imagens**: desafios para a arte e para a educação. Santa Maria: UFSM, 2012. p. 231-252.

WANDERLEY, Luiz Eduardo Waldemarin. **O que é universidade**. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1986, p. 80.

ZAMBONI, Silvio. Situação atual da pesquisa em/sobre arte in: MOREIRA, Maria Carla Guarinello de Araújo (Org.). **Arte em pesquisa**. SP: Londrina; Edue: 2005.

_____. **A pesquisa em arte**: um papel entre arte e ciências. Campinas, SP: Editora Autores Associados, 1998.

APÊNDICE (S)

APÊNDICE A – QUESTÕES PARA PESQUISA DESTE TCC SOBRE PROFESSOR
PESQUISADOR EM ARTES

**UNESC - Universidade do Extremo Sul Catarinense.
UNAHCE - Unidade acadêmica de Humanas, Ciências e Educação.
Curso de Artes Visuais - Licenciatura.
Acadêmico - Leonardo Pinheiro.**

Entrevista realizada com a Professora Doutora Aurélia Regina de Souza Honorato no dia 26/10/15 para meu Trabalho de Conclusão de Curso, do curso de Artes Visuais – Licenciatura, UNESC, que traz como o título: “O professor pesquisador de artes: desafios e contribuições”, abrangendo o problema de pesquisa 2015 no qual busco compreender a trajetória, os desafios e contribuições da professora/professor pesquisadora/pesquisador para o ensino de artes.

1) Em meu Trabalho de Conclusão de Curso, desenvolvo o tema que fala sobre “O professor pesquisador de Artes: Desafios e contribuições”, sendo que se trata de provocações que faço no campo do ensino da arte em nosso dia e especialmente quanto às possibilidades de pesquisa no campo das mesmas, na Universidade e na Educação Básica. A professora percebe ser importante um professor/professora de artes que atua na Educação Básica ser pesquisador sobre sua prática de ensino aprendizagem?

2) Um dos autores que trago como referência e dialogo no meu TCC, é Maurice Tardif (2002), ele fala das diferentes formas de educação, mas centra sua escrita sobre os diferentes professores que temos e podemos encontrar. Sobre este professor pesquisador nas escolas de Educação Básica, como a professora acredita que ele compreendido pelos demais professoras/professores, e se na realidade há uma diferenciação entre um professor/professora com outro que não é pesquisador?

3) No desenvolvimento de minha escrita, cito alguns momentos que a pesquisa fomenta o ensino em sua área, tanto para quem está fazendo pesquisa, quanto para os que estão envolvidos na área. Então, o que a pesquisa pode trazer de

contribuições para o ensino de artes e quais são as suas possibilidades de pesquisa?

4) Nas aulas de Apreciação Estética (Disciplina da grade curricular matriz 04 da sexta fase do curso de Artes Visuais - Licenciatura) que tive com a professora Aurélia Regina de Souza Honorato, estudamos junto um pouco sobre as experiências como no texto de Jorge Larrosa Bondía (2002), a experiência, o sentir, sobre diversificados assuntos na arte. A partir desta concepção de experiência como é o olhar deste pesquisador?

5) Ainda nessa linha de discussão, tive a oportunidade de estudar a tese da professora Aurélia Honorato defendida em (2015) que trata sobre “Trajetória cartográficas na formação de professores e professoras de artes: espaços do possível”. Na escrita da professora, percebo o quanto é importante as palavras experiência e sensível que o sujeito tem com a arte. Um professor pesquisador de artes de Educação Básica e também em uma Universidade é um sujeito sensível e a experiência faz parte de sua pesquisa?

6) Nas aulas da professora de artes na Educação Básica, a professora nos cita em sua tese que as chama de *aula-desafio* e que a partir destas aulas os alunos são provocados, buscando as diferenças e os estranhamentos. Essas ações que um professor pode propor para os alunos contribuem e/ou possibilitam a pesquisa em arte?

7) Pensando especificamente no professor pesquisador de uma Universidade, ele é a possibilidade de produzir projetos de pesquisa para as áreas de seu conhecimento e também pode ser o mais próximo a envolver o acadêmico em uma pesquisa. A professora acredita que todas as pesquisas contribuem para o ensino? Que todos os projetos de pesquisa em uma instituição universitária, estão voltados para o ensino de qualidade?

8) Silvio Zamboni (1998, 2005) é um dos fundadores da ANPAP (Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas), onde criou este grupo por algumas questões que ele e algumas pessoas tinham desde quando trabalhavam no CNPq

(Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico). Pensando a partir do grupo da ANPAP, quais as possibilidades, os caminhos de um professor pesquisador em artes podem ingressar e quais podem ser suas contribuições para a comunidade?

9) Diante de tantas pesquisas e de diversas áreas que temos em nossa sociedade (CNPq é um exemplo). Será que todas as pesquisas visam o desenvolvimento da comunidade? E há conflito entre essas áreas do conhecimento?

10) Uma das questões, talvez a mais fundamental para o desenvolvimento de meu TCC é o professor pesquisador de artes na Escola e na Universidade. Como a professora se vê atuando em ambas? E quais os desafios e contribuições a professora pode relatar?

Professora Aurélia, eu como acadêmico do curso de Artes Visuais e seu aluno só tenho a agradecer, por ter a oportunidade de fazer pesquisa com a professora e a professora de forma carinhosa aceitar fazer parte de minha pesquisa. Admiro a professora por ser minha professora e ser como é. E quando aceitou fazer entrevista comigo me trouxe também muita alegria. Que tenhamos uma caminhada sempre de forma positiva em torno do ensino de artes e que tenhamos mais artes em nossa vida, que ela por si só, nos traz a gratificação de sermos professores de artes. Aluno de professores como você, a professora Odete, a professora Bel, Marcelo, Edina, Katiúscia, Angélica e todos do curso, só me trazem alegria e alimenta minha alma, obrigado por ser, minha professora.

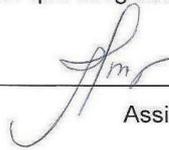
ANEXO (S)

ANEXO A – AUTORIZAÇÃO – USO DE FALAS E ESCRITAS

AUTORIZAÇÃO – USO DE FALAS, ESCRITAS E IMAGENS

Eu, Aurélia Regina de Souza Honorato portador do RG 1.529.209 (nº da identidade) autorizo a utilização de minhas falas e escritas e estou ciente que os dados fornecidos serão utilizados na pesquisa (Trabalho de Conclusão de Curso) de Leonardo Pinheiro acadêmico da 8ª fase do curso de Artes Visuais – Licenciatura que tem como objetivo identificar quais são os possíveis caminhos que um professor pesquisador que faz graduação, mestrado e doutorado.

Atenciosamente,



Assinatura

Criciúma, 26 outubro de 2015.

